JOÃO PAULO FREIRE
(MÁRIO)

Albino Forjaz de Sampaio

(Escôrço bio-bibliográfico)

Editôres — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

(ESCÔRÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO)

Editôres — *Santos & Vieira* — Lisboa
Tip. da Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 112, Pôrto | MCMXIX

DO MESMO AUTOR

OBRAS PUBLICADAS

Recordações para a velhice	(Esgotado)	(1908)
Dor que mata	(Esgotado)	(1909)
Santa Religião!	(Esgotado)	(1911)
Ditosa Patria!	(Esgotado)	(1917)
Camillo Castello Branco *(A Campanha da Lapide)*		(1917)
Entre Gigantes! (1.ª edição)	(Esgotado)	(1917)
Terra Luza *(Camillo em Vandoma)*		(1917)
Camillo Castello Branco e as Quadrilhas Nacionaes		(1917)
Entre Gigantes! (2.ª edição)		(1918)
Affonso de Dornellas		(1918)
Camillo Castello Branco e Silva Pinto		(1918)
Impressões da Guerra		(1919)

NO PRELO

Em serviço da Cruz Vermelha

O fim do Mundo no Anno 2000

EM PUBLICAÇÃO

(No Boletim da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha)

Uma viagem á America do Sul *(Tres republicas de relance)*

Albino Forjaz de Sampaio



(ESCÔRÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO)

POR

João Paulo Freire
(Mário)

Editôres — Santos & Vieira
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125 — Rua dos Retroseiros — 125
LISBOA

Decorum idest, quod quaqua persona dignum est, et cuilibet rei consentuneum.

CICERO.

EXPLICAÇÃO

Esta tremenda crise de papel que o conflito europeu desencadeou em todo o mundo, ligada a uma desmedida desvergonha em avolumar lucros fabulosos pela certa e sem trabalhos — não digo quem — colocou a indústria editoral num pé atraz, à maneira do Senhor dos Passos, perante os fazedores de livros, a tal ponto que, só navegam neste mar proceloso de escolhos e recifes, os meninos bonitos das várias *coteries* nacionais, os endinheirados ou ainda um ou outro felizardo que chorou venturas e delícias no ventre auspicioso de sua ilustre madre.

Nanja os que, desprotegidos ou orgulhosos vivem fora dos cenáculos e não estão sob o olhar protector dos deuses da empenhoca. Para êsses a crise aumenta, avoluma-se, montanha de desculpas a desabar ironias na sua inflexibilidade dorsal.

Este ligeiro escôrço de bio-bibliografia nunca se escreveu para sair isoladamente. Fazia parte, com

outros, do segundo volume dos *Homens do meu tempo,* cujo primeiro volume, já lavadinho e pronto, espera o fato domingueiro de uma editoração para assistir aos *lausperennes* das *vitrines.*

Exigências, dificuldades, desculpas, levaram-me a esperar melhor monção e favónios ventos, metendo o volume no recanto pacato de uma gavêta. E porque êste estudo sôbre Forjaz de Sampaio fôsse coisa de pouca monta em gastos de papel, um editor benévolo e amigo pegou-lhe e eu não deixei o certo pelo duvidoso naquela esteira do velho aforismo de que mais vale um pássaro na mão que dois voando...

Neste país fazer livros é ainda córnea ocupação que não dá pataco limpo para as exigências do petróleo. Faz livros, por *sport* e por luxo, quem tem dinheiro para os editar, ou quem possui situações grimpantes para se fazer valer.

Que eu não tenho grande razão de queixa, vamos lá com Deus...

Da minha pena tenho vivido, trambulhão aqui, ponta de faca acolá, mas todos os meus livros me teem sido pagos em dinheiro de contado, sem cartas de empenho, nem favores de costa acima.

E tenho encontrado editôres honestos, gente limpa, homens de palavra.

Só outro dia...

Eu conto. Foi com o primeiro volume dos *Homens do meu tempo* agora na gavêta. Procurei um editor — não cito o nome, nem a terra do cavalheiro, por vergonha da espécie — e mostrei-lhe o original. O homem gostou. Achou bom. Achou mesmo óptimo. E em certa altura, julgando-me igual a muitos, sorrateiramente, assim como quem se baba de gôzo perante escândalo de acepipe, propôs a coisa:

— Ah! mas o seu livro, excelente! Creia: você até pede pouco pelo original. Lá por êsse lado!...

E fazia um gesto de nababo não dando valor às libras...

— Há a questão do papel... Mas isso remedeia-se. Talvez... Compreende... Simplesmente, você, tem que cortar uma das críticas... a de Fulano. Bem vê, somos amigos pessoais... Muito amigos.

— !?

— Pouca coisa, não é verdade? E depois se você quisesse... Aí onde elogia Cicrano, com quem tenho as relações cortadas... se você quisesse... uma bordoadazita valente, convinha-me.

— !!!

Escuso dizer-lhes o resto. O livro foi para o canto da gavêta, que isto de manejar uma penna é

ainda — para os que teem a espinha recta e a consciência limpa — uma bela e sagrada manifestação de independência e de carácter!

Meteu-me nojo, muito nojo, o himalaia de podridão que tal proposta representava. E o livro não saíu e já agora não sairá por emquanto... à espera de um editor que mo pague sem olhar aos amigos a proteger, nem aos inimigos a anavalhar.

Irra! que esta falperra das letras tem ainda em Portugal encruzilhadas infamantes!...

E publica-se assim antecipadamente êste escôrço de crítica feito com aquela honestidade e aquela independência que a porca da vida, hoje mais do que nunca, de todos nós exige.

Para quê mentir, bajular, vergar a consciência de uma análise ou de uma idea, às conveniências de uma amizade, ou à moeda prostituída de uma compra, material ou moral?

Que me importa a mim o conceito alheio, se eu peguei na pena, não para escrever ao sabor dos outros, mas para obedecer à minha inteligência e seguir, com rectidão e justiça, o caminho traçado pelo meu estudo?

A mim me basta e me consola o poder exclamar no fim dos meus trabalhos — é honesta a minha obra.

Tudo o mais é manigância vil que não serve sequer para abrir os alicerces a uma barraca de feira onde tripudiem palhaços!

Há que fazer justiça aos outros, não pelo que êles são, mas pelo que êles valem. Para mim, à minha mesa de trabalho, não tenho amigos, nem conheço inimigos, precisamente como o médico, na mesa anatómica, ao procurar a causa da doença, não pergunta que fato trazia a vítima.

É preciso ser recto, ser justo, e sobretudo ser honesto.

Se me reconhecerem estas qualidades tenho o *quantum satis* de justiça que ambiciono.

E agora, meus senhores, vai subir o pano...

Albino Forjaz de Sampaio

no Dicionário Bibliográfico



Albino Forjaz de Sampaio
Por Francisco Valença
(Occidente — 1904)

Eu podia, seguindo velhas usanças de outros que para aí se guindaram aos pináculos da fama e das sabenças genealógicas e bibliográficas, escarrapachar para aqui tudo o que há sôbre Albino Forjaz de Sampaio, como sendo *sciência minha*.

Podia... Mas era desonesto e hoje mais do que nunca é preciso dar a todos exemplos de honestidade a ver se *isto* muda, se voltamos à vida sã, laboriosa e honrada... E assim, aqui teem os leitores a transcrição do que sôbre Forjaz de Sampaio há-de dizer, quando se publicar, o 1.º volume reedi-

tado, do Inocêncio, que Álvaro Neves está trabalhando. Foi Álvaro Neves quem teve a gentileza de me fornecer a cópia que reproduzo e são de Álvaro Neves estas notas, que hão-de pertencer a páginas 37, 38, 39, 40 e 41 do *Dicionário Bibliográfico*.

Há nelas porêm lacunas que não podiam passar em julgado, assim como tambêm após o trabalho bibliográfico de Álvaro Neves outros volumes de Forjaz apareceram. Para que tudo se complete, as lacunas desapareçam e os novos trabalhos se mencionem, irei anotando em diferente tipo e composição recolhida, tudo o que de novo souber e que o *Dicionário Bibliográfico* do Inocêncio não irá possuir pela pena de Álvaro Neves. Ficará assim esta obra, tanto quanto possível, útil e completa.

E sem mais preâmbulos mãos à obra:

Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio, conhecido no meio literário por **Albino Forjaz de Sampaio**, filho de António Maria Pereira Forjaz — que foi caixeiro das livrarias Orcel e Manuel de Almeida Cabral, em Coimbra, Ferreira e Tavares Cardoso, em Lisboa — e de D. Maria Antónia Pereira Forjaz. Nasceu em Lisboa, aos 19 de Janeiro de 1884.

Há êrro no nome do pai. É Albino Maria Pereira Forjaz e não António. Na certidão de baptismo afirma-se ter o escritor nascido a 16. Foi engano de quem participou o nascimento.

Após os primeiros estudos viveu durante anos «laboriosa e estreitamente entre um escritório de companhia de seguros e a colaboração nalgumas fôlhas que lhe pagavam artigos pelo preço por que às esquinas os moços de corda não querem mais fazer recados», como em 1910 escrevia a seu respeito Fialho de Almeida.

Tenho sôbre a banca a vastíssima bagagem literária de Forjaz de Sampaio iniciada aos 14 anos. «Estreou-se com o artigo sôbre a *Typographia em Portugal*. Êsse escrito é a revelação do seu engenho subtil e o prenúncio duma tendência investigadora. Surge o segundo trabalho e desaparece êsse desígnio, tomando o artista, por temperamento, a fase romântica, poética, sentimental. Dêsse período — de poeta — legou composições impressas, depois inteiramente repudiadas». Todavia, porque correm impressas, entendi registá-las, conquanto isso muito pesar cause ao escritor.

Forjaz de Sampaio começou a constituir biblioteca aí por 1909, possuindo actualmente alguns milhares de volumes. Se é apaixonado bibliófilo não é

menos apaixonado coleccionador, sendo já grande as suas colecções de autógrafos e teatro de cordel dos séculos XVII a princípios do XIX a qual se compõe de quási tresentas peças. Possue também os clássicos em primitivas edições.

Da sua colecção de teatro de cordel apresentou o catálogo à Academia. Compõe-se de mais de 800 peças. A Academia, achando valor ao catálogo, por proposta do presidente Braamcamp Freire e de Henrique Lopes de Mendonça deliberou imprimi-lo em separado, tendo para isso solicitado o parecer da classe de letras que o deu favorável. Foi relator H. Lopes de Mendonça. Já começou a impressão.

Em 10 de Maio de 1911 foi nomeado arquivista chefe da Biblioteca e Arquivo do Ministério do Fomento.

Em 1905, por proposta do escritor italiano comendador António Padula, foi eleito sócio correspondente da Societá Luigi Camoens, de Nápoles. Em Maio de 1917 foi eleito sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa. — E.

295) *Reino Perdido. Ao Heliodoro Augusto da Nova no dia do seu aniversário of. do a. e de Filipe Nunes da Silva (Soneto) 28-10-901.* Sem indicação de tipografia. Fôlha medindo 310 × 230.

296) *Violáceas* (vinheta). *Lisboa, 1901.* No verso da capa: «Tiragem numerada de 5 exemplares em

papel de linho, 45 exemplares em papel *couché*». Na primeira página começa a composição encimada com a dedicatória aos seus íntimos Heliodoro Augusto da Nova e Francisco Ferreira Alves Teixeira, continuando na página 3, sendo a segunda página em branco. É um «excérto da *Via-Dolorosa*, em preparação» naquela data, mas nunca publicada. Imprensa de Libanio da Silva. Lisboa.

As *Violáceas* são anteriores ao *Reyno Perdido*. Nem estes nem *As moiras* passaram de um número restrito de amigos.

297) *O Sol do Jordão. Lisboa, 1902. Livraria Central de Gomes de Carvalho*, 24-6 pág. Êste livro provocou as invectivas da crítica. Teve uma tiragem de dois exemplares em papel Whatman. O folheto fecha com o soneto *Ao cair da fôlha* que internacionalizou o autor.

298) *As moiras. Ao Henrique Marques Junior. Poesia escripta expressamente para ser recitada no dia 6 de Julho de 1902, 21.° anniversario de Henrique Marques Junior, e baptisado de sua querida irmã.* Fôlha de 4 pág.

A tiragem limitada foi, creio, de 15 exemplares e não entrou no mercado.

299) *Versos do Reyno. Lisboa. Tip. da Emprêsa*

da Historia de Portugal. 1903. 64 pág. com o retrato do autor, por A. V. Migueis.

300) *Ao cair da folha. Soneto. Traducções: franceza de Henri Faure; allemãs de Louise Ey e do Dr. Wilhelm Stork; ingleza de Edgar Prestage; italiana do Dr. Bobbio Porzia; hespanholas de D. Carmen de Burgos y Segui e D. Manuel Lorenzo D'Ayot; sueca do Dr. Göran Björkman. Lisboa. Viuva Tavares Cardoso, 1904.* — 16 pág. dedicadas «á Ex.ma Sr.a D. Olga Moraes Sarmento da Silveira, homenagem de admiração pela sua individualidade artistica». Começa pelo soneto em português. No fim do folheto: «Acabou de se imprimir este volume aos trinta de Agosto de mil novecentos e quatro na Typographia Oriental em Lisboa».

301) *Palavras Cynicas.* (Em curandel: «Todo o homem tem em si a sua tragedia... devo mostrar com sinceridade a minha tragedia. — Sienkiewikz»). *Lisboa. Livraria editora Viuva Tavares Cardoso. 1905.* Lisboa. Tip. de Francisco Luís Gonçalves. 136 pág. divididas em oito cartas ou capítulos. Foi êste livro, escrito no género schopenhaureano, que tornou conhecidíssimo o autor, e mereceu larga crítica.

Cândido de Figueiredo, escreveu a propósito, no *Diário de Notícias* de 20 de Maio de 1905: «Um

livro pessimista e blasfemo, primeiro livro, em prosa, de um moço laborioso, inteligente e audaz...»

302) *Nos annos de uma Rosa. 23-10-906.* Plaquete anónima inserindo três quadras e tendo no fim: *Tip. Paulo Guedes & Saraiva. Lisboa.* Edição particular de 40 exemplares numerados.

303) *Chronicas immoraes.* (Em curandel: «O que melhor se ria será o último a rir-se. — F. Nietzsche»). *Lisboa. Livraria classica editora de A. M. Teixeira & C.ª, 1908* — 288 pág. Dedicatória: ao Dr. Brito Camacho. Êste volume é constituído por artigos publicados anteriormente em *A Lucta* e na *Revista Litteraria Scientifica e Artistica de «O Seculo»*. Eis o sumário: Crónicas imorais — Juízo do ano — Artistas — Jettatore — Os mineiros — Um sabio português — Emigrantes — Gabriel d'Annunzio — Um poema — Oriente — As flores — Quanto custa uma mulher? — O Teatro Nacional — D. João da Câmara — Arte de Reinar — Religiões — Gomes Lial — Naufrágios — Goron — Mercedes Blasco — A deliciosa mentira — Estátuas e comendas — A tristeza profissional — A morte — Poetas — O Tempo — A decadência do jornalismo em França — O Carnaval — Academias — O passado — O calor — Os bastidores do génio: Zola, Wagner, Gorki — A tortura do estilo, Eça de Queiroz.

Êste livro foi motivo de vários enfados para o autor por ter aparecido anotado sôbre a mesa onde trabalhava, e junto da qual se suicidou o conhecido boémio Dr. Alberto Costa (Pad-Zé).

Há 2.ª edição de Santos & Vieira. Lisboa, 1915 (2.º, 3.º e 4.º milhar) 287-1 pág. 3.ª edição de 1918 (5.º, 6.º e 7.º milhar) 273-1 pág. Tem um «Prefácio da 3.ª edição».

304) *Lisboa trágica.* (Aspectos da cidade), [em curandel: *Esta imensa cidade de quatrocentos mil habitantes e seis milhões de egoismos... — Fialho d'Almeida*] *com um retrato do autor por Antonio Carneiro. Lisboa. Santos & Vieira, editores. Empresa Litteraria Fluminense.*

É constituída pelos capítulos seguintes:

Dedicatoria (A Fialho de Almeida) — Symphonia de abertura. A Cidade — Lisboa tragica — Do anoitecer á madrugada — A Vida — Da Loucura á Enxovia — Conto do Natal — Uma noite de rusga — Vidas sombrias. I: Os Vagabundos — Vidas sombrias. II: Abyssus abyssum invocat — Gente de Fogo — A Expiação — Comedia burgueza. Sonata de Inverno — Noite de embarque — Historia de um polichinello — Prazeres que matam — «As sombras da casaria...» — Os pobres — Depois da morte – O ventre da cidade — Vidas sombrias. III: Elegia de uma flor fanada — Noite morta — Vidas sombrias. IV: No Hospital. — Amanhã.

305) *Como se implantou a Republica em Portugal (Notas dum revolucionario). Lisboa. Editores, Santos & Vieira. Emprêsa Litterária Fluminense. 1910.* — 190 pág.

É muito interessante como repositório de documentação histórica. Insere as proclamações da Junta Revolucionária e os primeiros editais do Govêrno Provisório.

306) *Como se implantou a Republica em Portugal.* 2.ª edição no mesmo ano e igual à anterior.

A 1.ª edição saíu anónima e a 2.ª que é muito aumentada saíu com o pseudónimo de Freitas Saraiva. A bandeira da capa da primeira é a bandeira da revolução, encarnada e verde, a da 2.ª, a bandeira da República, verde e encarnada, particularidade que talvez nem todos tenham notado.

307) *Palavras Cynicas. 2.ª edição. Lisboa. 1911. Editores, Santos & Vieira.* 144 pág. Tem um «Prefacio da 2.ª edição».

308) *Prosa vil.* (Em curandel: «Cousas do mundo, umas que vão, outras que vem, outras que atravessam e todas passam. — P. Antonio Vieira)». *Editores, Santos & Vieira. Empreza Litterária Fluminense. Lisboa.* 228 pág. Dedicatória: «Ao Dr. Cassiano Neves». Eis o sumário:

«Quando o fado é rigoroso... — O fado — Fragmento duma carta — Loucos — Políticos — A Dança — João Rosa — Chapéus e animatógrafos — Viagens — A questão ortográfica — Oscar Wilde — Teatro da Natureza — A gastronomia, sciência da vida — Scena primitiva — O Senhor Richepin — Na Boa Hora — Jornais e jornalistas — A Religião do Riso — A Paz — Catulle Mendés — A conquista do céu — Os Santos populares — Revistas do Ano — Ferrer — Camilo — Deuses — O museu instrumental — O Chantecler — Motins, Bernardas e Revoluções — O ódio — Os desherdados — A alma das cousas — O Público — Gente moça — Índice (pág. 221-222). — Índice de autores citados (pág. 223-226) e crítica a *Lisboa Tragica* por Manuel Penteado, do *Jornal do Comércio*».

Há 2.ª edição 1917 (3.° e 4.° milhares) 218-6 pág. No prelo a 3.ª edição (5.° e 6.° milhares).

309) *Os Palhaços*, acomodado à scena portuguesa e representado no Jardim da Estrêla em 10 de Agosto de 1911. O crítico teatral do *Diário de Notícias* escrevia a propósito desta peça:

«Como trabalho literário, afigurou-se-nos ser muito apreciável, dispondo bem logo de entrada o espectador o prólogo, em verso de boa cadência...»

Foram traduzidos e escritos com um, hoje, distinto médico. Foram representados e publicados anónimos.

Traduziu também *A casa feliz*, de Benavente.

310) *Palavras cínicas. 3.ª edição.* Mesmo editor da 2.ª edição. *1912.*

311) *República Portuguesa. Ministério do Fomento. Relatório sôbre a Biblioteca e Arquivo Geral. Junho de 1911 a Janeiro de 1912 por Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio... Lisboa. Imprensa Nacional, 1912.* 87 pág.

312) *Palavras cínicas.* Do mesmo editor e igual à 2.ª edição, se fez ainda no ano de 1912 o 4.º, 5.º, 6.º e 7.º milhar dêste livro.

(4.º a 7.º milhares). É de 1913, 143-1 pág. Saíram mais as seguintes edições: 4.ª (8.º a 11.º milhares). Lisboa, 1916, 143-1 pág; 5.ª (12.º a 14.º milhares). Lisboa, 1917, 140-4 pág.; 6.ª (15.º e 16.º milhares). Lisboa, 1918, 140-4 pág.

Tudo isto se refere ao n.º 310 que assim se duplicou.

313) *II. Biblioteca de sciências contemporâneas. Artur Schopenhauer. Dores do mundo. A metafísica do amor. A morte. A Arte. A moral. O Homem e a Sociedade. Tradução prefaciada por... Editores,*

Santos & Vieira. Emprêsa Litterária Fluminense. Lisboa. 1913.

314) *Idem.* Com o mesmo frontispicio se fez uma separata das 24 pág. do prefácio.

Foi de 100 exemplares a tiragem. Tem 2.ª edição esta tradução de Schopenhauer, mesmo editor, 1918 — 214-2 pág. Do prefácio desta edição fêz-se uma separata de 32 exemplares com frontispício e capa própria intitulado *Schopenhauer*.

315) *Lisboa trágica.* 2.ª edição, igual à primeira 1913.

A 1.ª edição é de 1910 e tem 271-1 pág. A 2.ª é de 1914 e tem 221-3 pág. A 3.ª de 1917 (5.º e 6.º milhares) e tem 231-1 pág. A 4.ª de 1919 (7.º e 8.º milhares) e tem 231-1 pág.

316) *Gente da Rua (novela).* (Em curandel: «Não se corta ao destino a garra adunca. Uns teem na fronte o sêlo da desdita. Outros... os outros, não nasceram nunca — N. de Lacerda»). *Editores, Santos & Vieira. Emprêsa Literária Fluminense. Lisboa.* 1914. — 156 pág., 3 de apreciações a várias obras do autor. É dedicada «a Bento Mântua, à sua obra, à sua amizade». Impresso na Tip. da Imp. Literária e Tipográfica. Pôrto.

(1.º, 2.º e 3.º milhares). Saíu 2.ª edição (4.º e 5.º milhares), mesmo editor 1917 — 158-2 pág.

317) *República Portuguesa, Ministério do Fomento. Relatório sobre a Biblioteca e Arquivo Geral. Janeiro de 1912 a Dezembro de 1913, por Albino Maria Pereira Forjaz de Sampaio. Lisboa. Imprensa Nacional. 1914.* — 20 pág.

Forjaz de Sampaio tem publicado mais os seguintes livros:

a) *Grilhetas.* Em curandel: «... fechei a porta do mundo por detrás de mim e lancei a chave pela janela... Nada mais, nada mais no meu antro, do que o trabalho e eu; êle devorar-me há e depois nada mais haverá, nada mais!» Emile Zola. Lisboa, editôres, Santos & Vieira, 1916 — (1.º, 2.º e 3.º milhares) 252-4 pág.

Compõe-se: da dedicatória *Ao Dr. António Aurélio da Costa Ferreira* e Êste livro... — Resposta a um inquérito — Máscaras. Silva Pinto — Na hora da morte. Silva Pinto — Bulhão Pato — Ramalho Ortigão — Camillo. Camillo Castello Branco — Fialho. Fialho d'Almeida — Fialho d'Almeida no teatro — Eça de Queiroz. Velhos papéis. Eça de Queiroz comerciante. Uma carta inédita — Jules Claretie — Inquéritos de jornal. Como trabalham os nossos escritores. Fumam? cigarro, charuto ou cachimbo? — À margem de alheios livros. «Outros tempos», de Júlio Dantas — «Evolução do teatro», por Eduardo Noronha — «Flores do mal» — Figuras gradas. Bento

Mântua — Eduardo Schwalbach — Annibal Fernandes Thomaz — Latino Coelho.

Há 2.ª edição, revista e aumentada. Mesmos editôres. Lisboa, 1919 (4.º, 5.º e 6.º milhares). Tem um «Prefácio da 2.ª edição».

b) *Vidas sombrias.* Em curandel. «De todo o escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com o seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito». F. Nietzsche. *Dedicatória: To Miss Annie. To her proud and suffering heart.* Compõe-se dos seguintes artigos: Introito — Vagabundos I — O filósofo — Vagabundos II — O pai — Filhos — O sonho — O bêbedo — O cigarro — A morte — O amor — Um conto banal — O frio — A velha — Amor que mata — A orfã — O abismo — O alcool — A professora — Carne de embarque — Famintos — O entêrro dos regicidas — O 14 de Maio. Na Morgue.

Lisboa, editôres Santos & Vieira. 1917. (1.º, 2.º e 3.º milhares) 255-1 pág.

c) *Tibério, filósofo e moralista.* Em curandel. «O que Esdras escreveu nas margens do rio dos salgueiros melancólicos, junto a Babilónia, há mais de 23 séculos, ainda se conserva: «A verdade é eterna e não perece nunca: vive e vence sempre.» *Draper.* Dedicatória. *A Delfim Guimarães, poeta e amigo.*

Compõe-se dos seguintes artigos: Prefácio — O optimismo do pessimismo — O elogio — Amor, dinheiro, casamento — O elogio da carta anónima — Agiotar — O elogio das feias — Do roubo — Donde vem o mal — A côr das horas — A mentira — A mulher do próximo — A geografia — Barbaridades — Os Amigos — Movimento associativo — Da hipocrisia — A mulher que passa — Todos somos filósofos — A felicidade — A loucura — A paciência.

Lisboa, 1918 (1.º e 2.º milhares). Está no prelo a 2.ª edição.

d) *A Avalanche*. (À margem da grande guerra). Em curandel. «O que tem a fôrça está «por cima das leis...» Aos meus olhos a minha propriedade estende-se até onde se estende o meu braço; eu reivindicarei como meu tudo o que sou capaz de conquistar e não verei à minha propriedade outro domínio real mais do que a minha fôrça, única fonte do meu direito». *Max Stirner*.

Compõe-se da dedicatória adiante transcrita e dos seguintes artigos: A Avalanche — *Á margem da grande guerra*. A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland über alles — A idea da fôrça — A arte alemã — A Germânia aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo de paz — A Bélgica — A Inglaterra — A invasão da Inglaterra — Jellicoe — A iconografia da guerra — A arte e a guerra — A espionagem alemã — O jornalismo e a guerra — Civilizados! — O pan-germanismo — A indemnização — Deus e o *kaiser* — *No coração da guerra*. *Soldados de Portugal*. A caminho do *front* I a VIII — No *front* IX a XIV — A «trincha».

Lisboa, 1918. 224 pág. (1.º a 4.º milhares).

e) *Os Bárbaros*. I — *António Nobre*. Em curandel: «Olhai-me, doutores! Há doidos, há lava na minha família... António Nobre — Só». Editôres, Guimarães & C.ª. Lisboa, 1918 — 108-4 pág. (1.º e 2.º milhares). 9 ilustrações — A. Nobre em 1888, 1894, sem data, o último retrato, um de R. Gameiro, um de A. Carneiro, outro de Th. Costa, a casa de Seixo, e a casa onde o poeta faleceu; a fechar, um autógrafo.

Com o dramaturgo Bento Mântua escreveu:

f) *O Livro das Cortesãs* — Antologia de Poetas portugueses e brasileiros. Lisboa, 1917 — 235-5 pág., ilustrado por Alberto de Sousa, António Soares, F. Valença, H. Collomb, José Malhôa, Martinho da

Fonseca, Menezes Ferreira, Roque Gameiro, Saavedra Machado, Santos Silva (Alonso) e Stuart de Carvalhaes.

Tem no prelo: *Formosa Lusitânia.*

Foi já publicada, anónima.

Prefaciou: *José Duro. Fel (1898). 1916. Livraria editora Guimarães & C.ª Lisboa*, prefácio que corre de pág. 5 a 13;

Cartas de Camillo Castello Branco. Com uma introdução e notícia bibliográfica por Albino Forjaz de Sampaio. Publicadas em fac-simile por Manuel dos Santos. Lisboa. Livraria Manoel dos Santos. 1916. A introdução vai de pág. 5 a 11;

Noutros tempos, por António Aurélio da Costa Ferreira.

O *Fel* prefaciado é 2.ª edição. Das *Cartas de Camilo* tiraram-se apenas 40 exemplares.

Prefaciou mais: *A Musa Loira. Contos imorais* de Beldemónio. 2.ª edição. Lisboa, 1917. (Tiraram-se 10 exemplares em papel de linho). — *Terra alheia,* contos traduzidos por Henrique Marques Junior. Lisboa, 1904; *Escrínio de joias,* contos de Grimm, tradução do mesmo. Lisboa, 1909; *No cáos da idea,* por Fernando Caetano Pereira. Coimbra, 1916; *Heras e Violetas,* por Guilherme Braga, 3.ª edição. Lisboa, 1917; *Ilusão Desfeita,* por D. Maria O'Neil, 2.ª edição.

Colaborou em: *O Eco Tipográphico* — *A Humanidade*, de Coimbra — *Revista literária, scientífica e artística d'O Seculo* — *Os Serões* — *A Actualidade* — *O Imparcial* — *Illustração Portuguesa* — *A Chronica*, que dirigiu — *O Heraldo*, que fundou e de que se publicaram 4 numeros — *A Folha do Sul*, de Novo Redondo — *Diario da Tarde* — *O Xuão* — *A Sátira* — *Varões Assinalados* — *Novidades* — *A Lucta* — *A Notícia* — *O Seculo.*

Há ainda larga colaboração sua em *A Humanidade*, de Coimbra e no *In memoriam*, de Fialho de Almeida; e nos Almanaques: da *Lucta* para 1910, dos *Theatros* 1903, *Palcos e Salas* 1909, da *Parceria António Maria Pereira* 1917. Colaborou tambêm no *Portugal Médico*, do Pôrto, de que há duas separatas: *Medicina, literatura e história*, 30 exemplares; e *A literatura e os Médicos*, 32 exemplares.

Críticas à sua obra: Do Sr. Dr. Cândido de Figueiredo, no *Diario de Noticias*, de 20 de Maio de 1905, bem como dos Srs.:

Armando de Araujo, no *Arco Iris*, de 28 de Maio de 1905;

Abel Botelho, em *O Dia*, de 30 de Maio de 1905;

Marcos Martins, no *Nove de Junho*, de 3 de Junho de 1905;

Alfredo Pimenta, no *Arco Íris*, de 22 de Janeiro de 1906;

Alberto A. Insua Escobar, no *Heraldo*, de Dezembro de 1905;

Francisco da Silva Passos, no jornal *Republica*, do Dr. Artur Leitão.

Alêm de muitas outras não assinadas.

No livro de Henrique Marques Junior, intitulado *Esboços de crítica*, encontra-se um capítulo a seu respeito, assim como no livro de Fialho de Almeida *Saibam quantos...* e Avelino de Sousa, no livro intitulado *O Fado e os seus censores...* Lisboa. 1912, ocupa-se de Forjaz de Sampaio.

O artigo de Silva Passos foi publicado no *Liberal* e não na *República*. Podem ver-se ainda artigos de: Fialho d'Almeida, sôbre a *Lisboa trágica*, do *Saibam quantos...* (veja-se *Palavras cinicas)*; Eduardo Schwalbach, sôbre a *Gente da Rua*, do *Jornal de Noticias* (veja-se *Crónicas imorais)*; Abel Botelho, sôbre as *Palavras cinicas*, de *O Dia* (veja-se *Lisboa trágica)*; Manuel Penteado, sôbre a *Lisboa trágica*, de *O Jornal do Comércio* (veja-se *Prosa vil)*; Aníbal Soares, sôbre a *Lisboa trágica*, do *Correio da Manhã* (veja-se *Gente da rua)*; Júlio Dantas, sôbre a *Gente da Rua*, de *O Primeiro de Janeiro* (veja-se *Grilhetas)*; Augusto Gil, sôbre os *Grilhetas*, de *A Lucta* (veja-se *Vidas sombrias)*; Silva Pinto, sôbre *Crónicas imorais*, do *Para o fim e Saldos* (veja-se *A Avalanche)*; Eduardo Schwalbach, sôbre *Tibério, filósofo e moralista*, do *Jornal de Noticias* (veja-se *António Nobre)*.

Também a seu respeito escreveram Henrique de Vasconcelos na *Luta,* Rocha Martins no *Diário Ilustrado,* Manuel de Sousa Pinto na *Máscara* e na *Atlântida,* Delfim Guimarães nas *Novidades,* Alfredo Gális no *Tempo,* Júlio Camba no *Heraldo de Madrid,* Almaquio Diniz no livro *Moral e Crítica,* Ribera i Rovira no *Portugal literari,* Angel Guerra na *Lectura* e Lourenço Caiola no *Diário de Notícias.*

E já agora para completar tanto quanto possível estas notas faça-se ainda mais êste pequenino acrescento que não deixa de ser interessantíssimo:

Iconografia — *Portrait-charge* de F. Valença (Terra Alheia), caricaturas de Saavedra Machado, Amarelhe, Collomb e Alberto de Sousa. Retratos: lápis, de António Carneiro; óleo e carvão, de Alfredo Migueis; pastel de Martinho da Fonseca.

A seguir ao estudo sôbre António Nobre, Albino Forjaz de Sampaio pensa escrever um largo estudo sôbre Eça de Queiroz, para o que já anda carreando o indispensável material.

No prelo estão já os seus livros *Jornal de um rebelde, Cantaridas & Violetas,* devendo seguir-se-lhe o *Cosmopólia* já preparado para a impressão.

E fecham-se aqui as notas e os acrescentos. Agora, vamos ao resto.



MONOGRAMA
Por *Santos Silva (Alonso)*

Bisantinices de um linhagista

Sôbre o nome de Albino Forjaz de Sampaio criou-se há muito uma lenda que vinha sendo cochichada aos ouvidos de tôda a gente — e dizia que o Albino era Albino mas não de Forjaz nem de Sampaio. Que era Albino Cunca.

O talento crítico em Portugal por via de regra dá nisto, neste cuscuvilhar pelintra em volta de uma assinatura, como se fôsse a assinatura que fizesse o homem e não o homem que fizesse e engrandecesse ou deprimisse a assinatura conforme a sua inteligência e o seu porte. Últimamente as duas facções políticas, monárquicos a um lado e republicanos a outro, arranjaram para gáudio seu e dos coevos derrancados que os apoiam, dois cabreons — para os primeiros Albino Forjaz de Sampaio; para os segundos António de Monforte, pseudónimo de António Sardinha.

Tratemos do primeiro e ouçamos isto que vale a pena:

«O autor das *Palavras Cínicas* e quejandas monstruosidades literárias usa indevidamente os apelidos meus e de minha família. Não pode mesmo figurar neste *Livro de Linhagens* como uma vergôntea dessa linha mais que duvidosa. Desde porêm que se serve abusivamente deles, é bom que aqui fique exarado que nada, absolutamente nada, tem com os diversos ramos de *Pereiras* que usaram ou usam os apelidos *Forjaz* e de *Sampaio*.

«É *Albino Cunca* e nada mais. Tenho disso comigo as provas documentais. Seu pai era natural de Tentúgal e filho de pai incógnito. Sua avó uma Cunca de pé descalço, dos Cuncas dessa vila, alguns dos quais conheci e um ainda conheço, pobre diabo, que foi arrendatário de umas geiras de terra da casa de meu pai. Provindo do povo, seria por certo mais honroso, decoroso mesmo, para o democrata Albino Cunca usar êste apelido de que adornar-se com penas alheias que tanto cheiram a talassismo.

«Que a uma preta do Congo, seu pai, o famigerado cabinda José Macoco que foi meu cosinheiro, pusesse o nome de Ana Forjaz Macoco, querendo assim, na sua boçal estupidez, honrar a madrinha de batismo, minha irmã, vá lá. Que um outro preto também do Enclave de Cabinda envaidecido por eu o nomear regedor do Povo Grande, passasse a usar apelidos meus, não admira. É isto vulgar na pretalhada ao sentir-se ufana de honras. E vulgar já foi até no Ultramar muitos governadores serem os próprios a mascará-la com pomposos nomes. E se bem me recordo, há em África um Mariano Grilo de Carvalho, um Fontes Pereira de Melo, um Andrade

> Corvo, um Guilherme de Brito Capelo, e muitos outros, todos de côr preta. Mas fazê-lo a si próprio um branco, e um branco que tem inteligência e ilustração!!! Só um Cunca, ou um Ligório.»
>
> (*Livro de Linhagens* — Tomo I, páginas 111, ao fundo, em nota composta em corpo 8).

Para que conste, acentuadamente afirmo que é cópia textual na qual respeitei além da gramática a esplêndida virgulação do Il.^mo^ e Exmo Sr. Jaime Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel.

E agora já que transcrevi a acusação do sr. de Pimentel, é lógico e é justo que transcreva igualmente a resposta do sr. Albino Forjaz de Sampaio, que veio inserta na *Luta*, Ano II — N.º 3:834, de quinta-feira, 31 de Agosto de 1916, com o sub-título — *Um Conselheiro* e que para aqui também se transcreve na íntegra.

Ei-la:

> «Não conhecem? Pois chama-se Jaime Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel. Tem muitos trabalhos que nunca ninguém leu e Deus permita não seja obrigado a ler. Tem além disso dezasseis medalhas, incluindo alguns maus hábitos, a comenda de S. Gregório Magno, e muita prosápia. Esta é que o faz dar ao gôzo das gentes porque o nosso conselheiro tem a mania da parentela nobre e a mania de escrever. A primeira leva-o a supor-se descendente de não sei quem que veio de algures, a segunda, a peor, incontestávelmente, levou-o a escrever um li-

vro que intitulou *Livro de linhagens. Traços histórico-genealógicos da minha família, suas ascendências e alianças e subsídios para a história genealógica de algumas famílias portuguesas.* Tirou apenas 200 exemplares da obra genial e está publicado o 1.º volume. É nêle que a pág. 141, o conselheiro, em nove páginas e meia desvanecidamente fala de si. Diz como em menino e moço êle já era o agradável Lulu que ainda hoje é. Mas contado não tem graça. Ouçamo-lo. «Atraía-me o mar. Fascinava-me. E de compleição débil, pareceu-me que o ar do mar, respirado a largos pulmões, me retemperaria como de facto retemperou o corpo. Teria vocação para a vida marítima, eu tão amimado pelas tenras carícias dos meus bons pais?... Teria a paixão do mar, e de tudo quanto é ou dele vem?» Sabem se o conselheiro já em criança gostava de marujos? Pois gostava, o facto é que escorregando, escorregando, chegou a capitão de mar e guerra.

Dedica o seu livro de linhagem ao sr. D. Manuel e escreveu, como bom talassa que é, vários artigos que intitulou *Monarquia sim; República não. Pela pátria, pelo Rei,* etc. Um belo dia reformaram-no, dando-o, é claro, como incapaz de todo o serviço. Pois vai daí o conselheiro escreve:

«Incapaz de todo o serviço, sim; mas... capaz de todo o serviço me julgarei ainda, se Deus me der vida e saude, se para o triunfo de uma causa justa a que felizmente ainda aspiram todos os portugueses sinceros, bons, respeitadores e admiradores dêsse passado, monárquicos ou republicanos que sejam, se necessitasse do meu já enfraquecido braço, da minha sempre pouco esclarecida inteligência; porque se é honra e dever de todos êsses portugueses contrapor os seus esforços à obra negativa do regímen implantado em 1910 e à quási total anarquia

em que a nossa querida pátria se esfacela, essa honra e dever quero-os também para mim. Corre-me ainda nas veias êsse sangue de antepassados meus que souberam bem viver e morrer, e êsse sangue dá-lo-hei, se tanto fôr preciso, para ressurgimento, se ainda fôr tempo, da minha pátria, porque ainda felizmente me resta alguma esperança no futuro de Portugal, a despeito de tudo... e de todos». Há nisto tudo uma passagem tocante: é quando êle fala na sua «sempre pouco esclarecida inteligência». É realmente verdade. Nasceu tolo e débil, coitadinho. O ar do mar robusteceu-lhe a compleição, mas de caco ficou sempre como nascera. Nem com o ar do mar.

Em 5 de Outubro não estava cá. Senão... senão estava implantada a República.

*

Ora eu nunca tinha ouvido falar do conselheiro, nem sabia que o conselheiro existia até um amigo me mostrar o livro e o retrato que o acompanha. O conselheiro usa óculos, tem uma dupla coleira honorífica e um ar espavorido de tonto fardado que lhe vai a matar, a êle e à prosápia. De caminho há a pág. 111 do cartapácio, depois de depreciativamente me chamar «democrata», a seguinte afirmação: «O autor das «Palavras Cínicas» e quejandas monstruosidades literárias usa indevidamente os apelidos *meus* e da *minha* família». O itálico é nosso.

Ora em primeiro lugar quem deu ao conselheiro autoridade para fazer crítica literária?

O conselheiro que escrevia de uma sua mana que morreu de nove anos de idade: «foi uma criança, tôda candura e bondade, desaparecida no primeiro reflorir da vida» e de D. Carlos: «deixou na terra, a

par de actos que tanto ennobrecem a sua memória e que o tornarão heróicamente célebre quando a História tenha para êle louvores que ainda hoje lhe não são conferidos, um rasto inextinguível de luz que promana das grandes e excepcionais faculdades mentais e de trabalho que possuia em tão elevadíssimo grau!» Heróicamente célebre! O diabo não tem sono. Monstruosidades literárias o que eu escrevo. Prosa genial a dêste Acácio. Ó conselheiro, então, por quem é...

Quanto aos apelidos, eu sou filho de Albino Maria Pereira Forjaz e neto de Jacinto Pereira de Forjaz Sampaio. (Livro de Bap. Pena. 1884, fl. 15. v.) Que raio de nome queria o conselheiro que eu usasse? Meu pai não foi conselheiro nem visconde. Foi caixeiro de livraria. No Orcel e no Manuel de Almeida Cabral, em Coimbra, na Livraria Ferreira e Tavares Cardoso, em Lisboa. Foi um homem honrado. Eu fui aprendiz de marceneiro como o general Carlos Ribeiro e marçano de drogaria como pessoa que não tem prosápia e que não trabucando não manduca. Que tem tudo isso de extraordinário? Nunca me inculquei parente do conselheiro. Tenho livros. Não foi por me dizer parente de Nun'Álvares que o editor mos pagou. Tenho um emprêgo público. Não foi por dizer que o conselheiro era meu tio que o arranjei. Que demónio quere, pois, êste pobre homem, que abomina os democratas?

Respondo hoje ao conselheiro porque, ao que parece, sou já tão célebre que as gazetas se entreteem nessas lérias a meu respeito. Há três anos, no dia em que embarquei para o estrangeiro, essa mesma notícia deu a volta às gazetas da boa causa, dizendo-se até numa delas que eu ia em «viajata de recreio por conta do Estado». Fui. Fui a França e

Inglaterra, mas o Estado não deu para isso um ceitil (1).

Uso os apelidos que meu pai me deixou. Que me quero aparentar com o conselheiro? Livra. Não há decretos que obriguem a ter tolos na família. O que está provado é que os plebeus que me forjaram não foram nunca nem fámulos, aios, escudeiros, eguariços, capelães, mordomos, pagens ou criados em casa dos pais do conselheiro. E não foram por-

---

(1) Em setembro de 1913. Forjaz de Sampaio, visitou a França e a Inglaterra. E vai daí um jornal monárquico, saracoteando-se, esguichou:

«*Aclarando. O Albino Cunca.* A propósito da viajata de recreio, por conta do Estado, do arquivista do ministério do Fomento e redactor da *Luta*, sr. Albino, dois jornais de Lisboa, *O Universal* e os *Ridiculos*, acentuaram usar êste afilhado do sr. Camacho e autor das *Palavras cínicas* um apelido que não tem, em vez daquele que lhe pertence e que, sendo muito democrático, devia ser preferido.

Efectivamente existem dois documentos elucidativos, o primeiro passado numa paróquia de Lisboa e o segundo, ainda mais curioso, na da freguesia de Tentúgal, demonstrando que o sr. Albino *Forjaz de Sampaio* é legal e democràticamente o sr. Albino Cunca, filho da sr.ª D. Maria Antónia das Neves Oliveira e neto de D. Rosa Cunca e de Bento Cunca.»

Palavrinha! Até parece prosa do sr. de Serpa Pimentel... Mas porque não publicará Sua Ex.ª os tremebundos documentos que possui?

Também *Os Ridiculos*, de 3 de setembro inserem versalhada de um tal *D'Artagnan* sôbre o mesmo assunto. *Ex digito gigans!* A prosa corre parelhas com os versos. A campanha deve ter saído do mesmo altíssimo cérebro... por igual, e em jactos *cianúricos*.

que então teria o conselheiro saído muito mais esperto.

Quanto à prosápia deixo essas lérias de parentes tôda ao conselheiro. Certamente o primeiro avô dele foi Caim, visto Abel ter morrido sem geração. Depois descende de Nun'Álvares, diz. Está bem. Mas olhe, conselheiro, os versos de Sá de Miranda:

> É senhor, grande trabalho
> Escrever de gerações.
> Nem todos são Scipiões
> E podem cheirar ao alho
> Ricos homens e infanções.

Quem o mandou, conselheiro, ao senhor, um marítimo, meter-se nessas cavalarias? Ora diga-me cá: Com a publicação do *Livro de Linhagens* (talvez por cruzamentos com mercadores) a sua sombra cresceu? O senhor deixou de ser o asno que era dantes? O que eu não supus é que ser mestre-sala da Liga Naval dava assim volta aos pergaminhos de uma pessoa. Descanse, conselheiro. Eu não sou da *sua* família. Parente do conselheiro, o conselheiro de compleição débil a quem o mar fascinava? Não. Fica o conselheiro entendido. Agora se se torna a meter comigo eu vou a essa trela tôda de parentes e completo o seu livro com apontamentos inéditos com que o conselheiro dará três pinotes. Percebeu? Bem. Fica tôda a gente elucidada. Jaime Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel. Já conhecem o conselheiro? Folgo.

Nietzsche dizia: «Também me agradam muito os pobres de espírito: apressam o sono.» Mas o conselheiro é demais com aquela mania das grandezas e a não falar senão dos parentes...

E diz dali o plebeu José Agostinho de Macedo: «Que homem de merecimento seria reputado êste mentecapto se continuasse a emmudecer!»...

*

* *

Safa! Que a gente vem tôda em linha recta do mestre pai Adão e as aristocracias — as melhores e as maiores — são hoje e foram-no sempre as da honra e do trabalho!

Verduras da mocidade...

Como se viu já, Albino Forjaz de Sampaio começou a sua produção em 1901 com as *Violáceas* e não com o *Reyno perdido* como atrás se transcreveu e rectificou, e publicou mais cinco opúsculos até às *Palavras Cínicas* que foram, literáriamente, a sua *marcação de lugar* na Literatura Nacional.

Tôdas estas primeiras produções são em verso e bem fêz Forjaz de Sampaio em pôr de parte as Musas que lhe eram avêssas e enveredar pela prosa onde é Mestre, como os melhores da sua geração.

Reyno Perdido, é um soneto, de sabor requintadamente *Sòsista*, embora, ironias da pena, o seu último livro agora publicado [1] seja uma tremenda análise de crítica à obra de António Nobre. Até a maneira de o epigrafar o demonstra — *Reyno Perdido* — com *y*, coisa que Forjaz de Sampaio já hoje

---

[1] *Os Bárbaros*, 1.º — António Nobre. 1919.

não escreveria por certo. Depois lá vem o verbo *botar*, o verbo *alembrar*, e a palavra *soidade* a corroborarem a minha afirmação.

As *Violáceas*, é uma poesia, de pouco valor evocativo, fraca pincelagem, acção desconexa, e versos dolorosamente feitos e havidos em parto cezariano.

Vem depois *O Sol do Jordão* onde os versos peoram, quere na técnica quere na idea. Aparece pela primeira vez na obra incipiente de Forjaz de Sampaio, o espírito satânico a empurrá-lo para a triste celebridade das heresias à Richepin, com versos tão desgraçados como êstes:

... O choro d'uma amante, amargo como um ralo
. . . .
E que hoje p'r'ahi anda esculpido por um hereje
. . . .
Debruça-se a tremer, amantemente esquivo
. . . .
Mais uma desgraçada p'r'ahi a desgraçar.

Isto apenas para amostra, que na essência nem vale a pena tocar. É o lixo moral de todos os que começam vexando Deus e cuspindo no sentimento. Porcarias...

As Moiras, são uma pieguice inofensiva, destas que todos nós fazemos e que não fazem mal nem bem... antes pelo contrário.

E na ordem cronológica temos os *Versos do Reyno* — 162 quadros que salvam as primeiras produções do autor porque não sendo afectados teem grande sabor popular, sentimento, e uma certa mestria já no expressar da triste filosofia dos tristes, característico muito da eleição de todos os poetas de Portugal desde Bernardim Ribeiro, o poeta das *Saudades*, até António Nobre, o patriarca da Dor metrificada.

Ora vejam isto e digam-me se não há aqui beleza de expressão e de sentimento:

Ai de mim, que vivo só,
Lindos olhos que me lêdes!
Não há paredes mais tristes
Do que estas quatro paredes.

E mais isto:

A Mágua foi minha mãe,
Mas ter só mãe não nos basta;
Meu pai chamou-se Desgôsto
E Dor a minha madrasta.

E ainda isto:

Por muito que tu me queiras
Nunca o teu amor me bonda;
Também a areia da praia
Nunca se afasta da onda.

Versos do Reyno mesmo brochados valem de facto tôdas as suas primeiras produções, juntas e encadernadas em percalinas ricas.

Em 1904, publica-se o soneto *Ao Cahir da Folha* com as respectivas traduções. Êste soneto, muito fraco nas quadras, tem a beleza suprema do último terceto que vale bem a celebridade das traduções:

.... Não, mas deixa lá,

Podia a santa afligir-se! E agora,
— Sempre são mães! — quando te fores embora
Nunca lhe contes o que vai por cá.

Êste final é de uma grande beleza de sentimento e de uma rara felicidade métrica, o que, como já acentuámos, não é usual encontrar-se em Forjaz de Sampaio.

*

* *

Uma novidade bibliográfica me forneceu ainda o ilustre bibliógrafo sr. Henrique Marques Júnior. É uma fôlha de papel intitulada *A festa (Folha Commemorativa)*. Ao centro a fotografia da artista Alice de Carvalho, do Teatro Chalet da Feira de Belêm, e aos lados duas poesias: *Saudação* rubricada por *Líbano*; e *Conselho* subscrita por *Nardoma*.

Líbano é o anagrama de Albino, e êste Albino é o nosso biografado. São sete quadras apenas, já hoje desconhecidas e esquecidas e que se reproduzem para o competente estudo dos progressos do autor:

Com treze anos sómente
Saber chorando cantar,
E cantar tão tristemente
Que faz a gente chorar!

Depois, um riso nos lábios,
Um riso no coração,
Um triunfo cada noite,
Em cada acto: uma ovação!

Assim a vida te passa
Entre um pranto e uma risada,
Adorando tôda a gente,
Por tôda a gente adorada.

Teus lábios teem o segrêdo,
O segrêdo ou quer que é
Que embriaga as multidões
Na graça de um *couplet*.

Ai vida da nossa vida
Leva-se esta vida aos ais:
Fala verdade a cantiga,
Muito fumo... e nada mais!

Senhores, que menos vale
Uma feira que um salão?!
Nas feiras há muita alma,
Bate muito coração.

Foi o povo que te adora
Que me ensinou a cantar,
Para que por mim e êle
Te viesse hoje saudar.

Tudo isto são apenas... verduras da mocidade.

Que diferença porêm que vai destas verduras, aos versos *A Um Velho Livro*, já hoje tambêm raros, escritos em comemoração da *Festa da Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas, em abril de 1916*. São três quintilhas só e vale a pena confrontar:

Velho livro encanecido
Do tempo de Guttenberg
Papel do tempo amarelido,
Impresso em tipo sumido,
Como a minh'alma te quer!

Velho livro encanecido
Do tempo de Guttenberg
És o avôsinho esquecido
Do livro de hoje, garrido,
Que a gente de hoje prefere.

Mas se o livro moço e querido
Preteriu o ancião,
Velho livro encanecido,
Vives no olvido, perdido,
E nêste meu coração!

Ou êste soneto mais moderno ainda, mais forte, mais lúcido, mais dentro da mestria da técnica:

ESPIRITUAL

A MISS ANA
Figura de encanto e de ternura

Hei-de beijar-te os olhos, docemente
Hei-de oscular-te a bôca, insaciado;
E, num beijo veemente e demorado,
Correr todo o teu corpo alvinitente.

Beijar-te ansioso, indómito, fremente,
Sentir pulsar-te o coração amado,
E tornar a beijar o já beijado,
Apaixonada, estremecidamente.

E se me fôsse dado a punição
Escolher, em castigo da paixão
Que me desvaira e faz enlouquecer,

Com que prazer levara a vida inteira,
Novo Ahasverus, sem tédio e sem canseira
O mundo do teu corpo a percorrer!

Pub.º na *Alma Nova* — 1916.

A diferença, bem visível, é considerável, mas, apesar disso, ainda lhe prefiro a prosa.

E vamos a ver porquê...

Na prosa da vida

Palavras cínicas

Aquelas produções, analisadas no capítulo anterior, denomina-as o escritor, à maneira de Vítor Hugo: «*as asneiras que eu fazia antes de nascer*». E assim o primeiro livro de Forjaz de Sampaio pode classificar-se as *Palavras Cínicas*. Foi sem dúvida o seu primeiro livro, aquele que o atirou para o mundo das letras e do escândalo, o que em volta do seu nome concitou mais ódios e aplausos, o mais discutido e o mais vendido tambêm. Vai hoje no 16.º milhar e venderem-se em Portugal e Brasil dezasseis mil exemplares de uma obra é galgar de um salto o escalão da celebridade. Vale êste sucesso as *Palavras Cínicas?* Sim e não. Livro doentio, feito para *épater*, como tal a sua prosa é de mestre e o sucesso compreende-se; mas nem a prosa das *Palavras Cínicas* é a prosa já feita e segura da *Avalanche*, nem tem a beleza e a sinceridade da *Gente da Rua*. Examinemo-lo.

No prefácio da 2.ª edição, Albino Forjaz de

Sampaio, *seis anos após o manuscrito,* declara que não mudou de ideas, antes *pelo contrário êsse período de tempo só conseguiu ratificá-las.* E explica: — «eu não mudei porque a vida não mudou». E mais adiante, afirma: «creio que êste livro, escrito para ser meditado e seguido, será ainda acolhido com amor».

Ora as *Palavras Cínicas* nem foram escritas para serem meditadas nem são, nem jamais o foram, acolhidas com amor. O amor é um sentimento nobre das almas sãs. As *Palavras Cínicas* são o condimento das almas depravadas pelo vício, derrancadas pela miséria ou espesinhadas pelo egoísmo. E estas almas não amam, odeiam. Não sentem amor, teem raivosos desesperos de impotência. Logo êste livro de Forjaz de Sampaio não é dos bons, dos humildes, das almas de sentimento. É dos maus, dos egoístas, dos perversos — e nunca por estes podia ser acolhido por um sentimento que as suas almas doentias já não possuem, que os seus corações empedernidos na miséria e no vício já não sentem. Morreram para a flor da graça e do sentimento e na estrumeira de tôdas as indignidades já não pode florescer o amor!

Também neste prefácio Albino Forjaz de Sampaio nega o sentimento da gratidão na esteira de

Silva Pinto. Outra afirmação à sobreposse. Outra afirmação para *épater* a conjugar-se com a afirmação final do negativismo que já passou à história. Hoje a existência de Deus, como princípio, como base, como ponto de partida de todo o existente já não oferece discussão, tão reflectida e unânimemente assente por todos os espíritos cultos se encontra. Mas é que para aquela qualidade de gente a que se dirigem as *Palavras Cínicas* era necessário afirmar aquilo, condição *sine qua non* o livro ficaria manco.

Eu não acredito que Albino Forjaz de Sampaio, espírito lúcido, inteligência clara e robusta, se apresente ainda com o velho balandrau do negativismo, e muito mais do negativismo *à outrance*.

Êste prefácio é de 1911. Estamos em 1919, e oito anos de ponderação e de estudo hão-de ter forçosamente orientado o seu espírito para um campo menos pernicioso e mais humanamente belo.

Mas continuemos a análise e vejamos a primeira carta, que o livro de oito cartas se compõe.

*

* *

Se tivéssemos que classificar, à distância de muitos anos, o autor das *Palavras Cínicas*, conhecen-

do-lhe apenas êste livro, Albino Forjaz de Sampaio seria justamente alcunhado como um dos mais perversos monstros morais do seu tempo. Mas observando-o bem, analisando-o com meticulosidade chega-se à conclusão de que o abuso dos palavrões, nomeadamente as palavras rascantes — pulha, canalha, prostituta, etc., — empregadas em excesso, prejudicam as muitas verdades nêle expendidas, o bom senso crítico muitas e muitas vezes exposto e tornam-no inútilmente odiado e doentiamente procurado sem outro resultado mais do que aquele que o seu autor quis obter ao escrevê-lo — o tornar-se conhecido, falado, discutido.

É um livro onde se encontra muita verdade, mas que os palavrões e as blasfêmias inutilizam para a crítica sã, justiceira, imparcial.

É ver a primeira carta. Dirige-a o autor a um suposto amigo para lhe falar de quê? Da vida.

«A vida é a escola do cinismo» diz-lhe logo Forjaz de Sampaio, de entrada. Primeira afirmação falsa, à sobreposse, para espantar o burguês que o ler. Porque, evidentemente, se Forjaz de Sampaio dissesse — «a vida é *para os maus* uma escola de cinismo» — estava certo. Que se os maus em contacto com a maldade peoram, os bons, olhando a vida, tornam-se melhores, ganham mais coragem no

sofrimento alheio para fortalecerem a própria resignação.

«Sê mau, cínico, hipócrita e persistente que vencerás», escreve. Outra afirmação gratuita que uma só verdade encerra. O pensamento era êste — *sê persistente e vencerás.* Mas isto já estava dito e redito através os séculos e as religiões e Forjaz de Sampaio nada ganhava em escrevê-lo de novo. Porisso acrescentou então os palavrões indispensáveis aos espíritos doentes que só assim o admiravam num ambiente de ódios e de imprecações.

E linhas mais abaixo veem estes dois períodos que a pena de Forjaz de Sampaio já hoje não escreveria:

«Não ames nem creias. Todo o homem que ama é homem perdido, e todo aquele que crê nunca será ninguêm.»

Ora isto só se pode escrever por troça, por chalaça ou por maldade. A vida inteira da Humanidade o desmente, e só o desejo de se tornar notado, de fazer barulho podia produzir tal aleijão filosófico, que é desmentido pela própria vida social do autor das *Palavras Cínicas.*

«Tudo é egoísmo!», exclama a páginas 13 e a páginas 16 fala na morte de um justo. Se *tudo é egoísmo* como se compreende que haja *justos?*

«Depois da morte há o nada». Quem lho afirmou?

A páginas 14 há esta inconcebível blasfêmia que eu não escrevo sem repugnância: — «Da mulher honesta à prostituta não há diferença, a distância de uma à outra é nula».

E a páginas 16 há catorze linhas contra Deus que eu não transcrevo, tão disparatadas elas se me afiguram, tão más, tão repugnantes, tão fora de tôda a análise crítica elas são. E seguem-se-lhe as falsíssimas noções sôbre a vida dos pobres e dos miseráveis, cuja religião do ódio só existe, felizmente!, no livro de Forjaz de Sampaio — para fechar a primeira carta com êste pensamento: «A vida é uma canalhice, uma farçada, *uma luta brutal*, como diz ali o Tourgueneff».

Ora Tourgueneff chamando-lhe *uma luta brutal* estava bem e tinha razão. Forjaz de Sampaio chamando-lhe *uma canalhice* é falso, exagerado e não consegue exprimir um sentimento de justiça, nem tem uma sequer tolerável expressão de verdade. A vida pode ser, *num ou noutro caso,* «uma canalhice», mas não o é *na generalidade,* nem o foi jamais.

Antes pelo contrário a vida é uma grande coisa, uma coisa bela quando a olhamos pelo lado do sen-

timento, da gratidão e da honra, palavras que Forjaz de Sampaio fingiu não conhecer ao escrever as suas *Palavras Cínicas.* Quantos exemplos de sentimento não tem dado o coração humano, quantos motivos de gratidão não existem comprovadamente efectuados, quantos exemplos da mais inconcussa probidade nos não legaram nossos pais e não conhecemos nós ainda hoje?!

Na segunda carta há o mesmo diapasão, a mesma tecla matraqueada cada vez com mais fúria e sempre com a mesmíssima falta de sinceridade e de verdade.

«Quantas vezes perguntaste onde estavam a Bondade humana, a Justiça humana? Quem te respondeu? Inútil pergunta».

A afirmação é que é inútil. Ai de nós todos se a Bondade humana fôsse um mito, se a Justiça humana não existisse. Não é preciso ir buscar exemplos ao alfobre abençoado de tôdas as religiões e principalmente ao catolicismo. Na vida prática mesmo nós temos todos os dias centenas de exemplos, milhares de exemplos a contradizerem as palavras de Forjaz de Sampaio.

Também pela sua desbragada monstruosidade não transcrevo nem comento as páginas 24 até páginas 29; elas desonrariam a pena de um escritor se não fôssem a rapaziada atrevida e incons-

ciente de um talento desorientado que se quis impor a uma sociedade de frívolos berrando e batendo as palmas.

Mas já a páginas 29 vem esta afirmação ajuizada e sã: — « O crime é um negócio, a vida uma escravatura. A alma é escrava do crime, a carne é escrava do gôzo ».

Está certo. Quebram-se as grilhetas dessa escravatura tornando a carne liberta do gôzo; a alma purifica-se na meditação das coisas belas e no horror ao crime ganho na perfeição das consciências.

Mas a alma é aquele espírito imaterial e eterno, que nunca pode ser lama (páginas 30) porque jamais se corporiza. E por isso as referências à alma, às estrêlas e à hóstia, são blasfêmias, heresias, tolices que um espírito bem formado não escreve e que Albino Forjaz de Sampaio não voltará a escrever a menos que não tenha enlouquecido.

Mas vejam que belo período êste ainda nessa mesma página: « — Há a lama vestida de pérolas e a vestida de escrófulas, a lama toucada de sêdas e de setins e a vestida de crôstas e farrapos. »

Eis um pensamento que pode figurar em todos os livros e em tôdas as épocas e que podia ter saído da pena sublime dos maiores escritores de todos os tempos.

Para que misturar de seguida o nome de mulheres profanas com o nome da Imaculada? Para quê e porquê? Para irritar os crentes? Fraco gôsto. Por inspiração e por talento? Como pode haver talento numa irritante blasfêmia de taberna?

Não. Forjaz de Sampaio apenas ganhou escrevendo assim uma triste celebridade que só os volumes seguintes vão apagando, mercê do incontestável valor de Sampaio maculado pelas heresias, protérvias e blasfêmias das *Palavras Cínicas*. Não vale a pena i-las analisando uma a uma, nem eu nem os meus leitores ganhavam coisa de geito no exumar destas misérias. O que eu faço, o que eu vou fazer é arquivar aqui os pensamentos aproveitáveis e sãos que existam, como flores raras florescendo na podridão de um cemitério, nas páginas ainda não analisadas das *Palavras Cínicas* e que se encontrem, de páginas 31 em diante, neste exemplar do 15.º milhar que tenho presente.

Vejamos:

> «Recordas-te da *pieuvre?* A dor é a *pieuvre*. Enlaça os corpos, as almas, suga-as, bebe-as em vida. A alguns deixa sómente o esqueleto.»
>
> (Pág. 32)

Há aqui uma contradição com um outro pensamento de páginas 31: «Tudo é dor. A dor é igual.

Senti-la maior ou menor é diferença dos nervos que a sentem, como a grandeza dos que a vêem.» Se a dor é igual, a comparação falha com a *pieuvre* — *que a alguns deixa sómente o esqueleto*...

> «Quem distinguirá lá em baixo no ventre da terra a carne de Impéria da carne de Chénier, a ossada de Gilbert da ossada de Ravachol?»
>
> (Pág. 32)

Certo. Simplesmente as almas que animaram êsses corpos putrefactos tomaram diferente rumo. Já o dizia Junqueiro: num cárcere fechado a alma de Locusta — num relicário de oiro a alma de Platão... o que está em contradição com o pensamento anterior ao que acima deixámos e em que Forjaz de Sampaio afirma: — «Abre um crânio e vê se distingues a alma de Dante da alma de Caim, a de Inocêncio III da do galego ali da esquina.» Êste pensamento não só é inferior como prosa, mas demonstra o mais absoluto desconhecimento de Albino Forjaz em assuntos de teologia até mesmo daquela teologia que tôda a gente medianamente conhecedora das religiões percebe e compreende. Aliás saberia que a alma de Inocêncio III poderia ser igual à do galego, que as almas se não avaliam pelos dotes de inteligência que demonstraram mas pelas virtudes que possuiram.

«Há almas cuja treva é maior que a noite, consciências cuja lama é maior que a de todos os pântanos da terra.»

(Pág. 33)

Há. São as almas vilíssimas dos maus, e seria a alma do próprio autor dêste livro, se êle sentisse êste aleijão moral, esta enormidade perversa que vem a pág. 34 e que começa: *Filhos fecundados em plena bebedeira*, etc. Mas não o sente. Mas nunca mesmo o sentiu! E eu que detesto a censura, que não posso tolerar a coacção às manifestações do pensamento, compreendia-a para um caso dêstes, porque essas dezasseis linhas de prosa doentia, escritas só para maguar e irritar, são daquelas que a desinfecção moral não pode tolerar, não devia mesmo consentir.

«O amor é dos romances.»

(Pág. 45)

Seis anos depois, no prefácio da segunda edição, o autor concede-o, pelo menos, àquele estudante que se mata *porque a sua costureira lhe não quere o amor*... e já mesmo no livro àquela outra que *despedaçou do quarto andar o corpo na calçada*, etc. — pág. 53 e 54.

> «Não há crime nenhum que não tenha saído de um ventre de mulher, nem que uma cova não contenha.»
>
> (Pág. 51)

Não é um grande pensamento, mas é um pensamento verdadeiro. Forjaz de Sampaio entra depois no aviltamento dos máximos insultos a tôdas as mulheres, para só haver uma clareira de tréguas na descrição da tela de Rochegrosse, pág. 59, 60 e 61 até às duas primeiras linhas de pág. 62 em que a prosa máscula de Forjaz de Sampaio sem a preocupação do insulto nos dá, em violentas pinceladas de artista, a grande tela da *Angoise humaine.* Depois relembra-se do fim propositado do seu livro e descamba novamente nos forçados e repelentes paradoxos de tôda a obra.

A quinta carta não tem perdão, não tem desculpa, não se tolera. A avalanche dos despautérios é extraordináriamente confrangedora. Não se pode descer mais, não se consegue ser mais estapafúrdio em afirmações horripilantes de doido. É uma vesânia perigosa e criminosa, fruto, ou de uma doentia predisposição para o crime ou de uma criminosa brincadeira de mau gôsto. Há ali pensamentos que confrangem, outros que chocam e ainda outros que fazem vibrar tôdas as cordas da maior repulsa por mais insensível que se queira ser!

Na sexta carta em que diminui o vocabulário grosseiro há um acréscimo grande de negativismo e sendo a menos irritante é por certo a mais perigosa. E, para não desmerecer em tudo das irmãs, vêem as páginas finais 106 e 107, tôdas uma blasfêmia pegada, repetição das muitas que êste infelicíssimo volume contêm. O pessimismo mantêm-se nas cartas restantes e vai até à última palavra do livro que mais valera nunca tivesse sido escrito. Até meio, alêm das muitas repetições das palavras *bandalho*, *malandro*, *patife*, *pandilha* e outras, contêm quinze vezes a palavra *canalha* e seis a palavra *prostituta*. Como vêem o livro foi feito para alarmar, espantar o burguês que se vai indignando e o vai comprando, lendo com entusiasmo artigos e livros contra êle onde há os mesmos excessos de linguagem e os mesmos palavrões. Não vale a pena. Se me perguntam: — Deve ler-se o livro *Palavras Cínicas?* Respondo terminantemente: *não*. É um desperdício de tempo, quando não é um prejuízo moral. É esta a minha impressão sôbre o primeiro livro de prosa de Albino Forjaz de Sampaio.

Crónicas imorais

Crónicas imorais é o segundo livro de prosa do autor das *Palavras Cínicas*. São crónicas que todos nós já lemos na *Luta* quando ali foram publicadas e, valha a verdade, são doutro estôfo. Há nelas observação, disciplina de nervos, ironia cáustica, por vezes afirmações ainda negativistas, blasfêmias para entreter o *espírito avançado* dos leitores, mas desapareceu já o palavrão, a indecência, a pornografia do livro anterior. A prosa é mais sadia, as ideas mais bem lançadas, e o que ressalta é um azêdo conhecimento dos homens maus e das coisas más, apontados sob um critério *schopenhaeuresco* e uma ironia meio camiliana, meio Silva Pinto, mas mais dêste panfletário do que de Camilo, que a prosa azêda de Forjaz tendo muito de Silva Pinto, pouco se aproxima da prosa mordente do Solitário de Seide.

Forjaz de Sampaio não sabe rir — sabe escachar de alto a baixo as ideas e os adversários. Não há na sua prosa uma clareira de graça — há catapultas de finas observações ou montanhas cerradas de exageros.

Não é um emotivo — é um panfletário. Não esti-



Aspectos do gabinete de trabalho do escritor

(Clichés de Furtado & Reis



Albino Forjaz de Sampaio na sua fase poética

(Caricatura de *F. Valença*)

1902

mula — arranha. Não esmaga — fere, deixando as pústulas ao ar, ou rasgando novas feridas.

A sua crítica lembra um exército atravessando um campo semeado — vence o inimigo, desbarata-o, criva-o de setas, mas estraga a fecundação da semente que já não poderá dar o trigo loiro da graça e da fartura.

Ou semelha-se ainda àqueles sangradores de aldeia que curam os doentes — matando-os.

No entanto estas *Crónicas imorais* são já a amostra segura de um escritor. A prosa é cheia e bem proporcionada, e os tipos focados dançam macabramente a movimentada dança de S. Vito, e expõem à plena luz da crítica os seus defeitos, alargados, ampliados pelos traços firmes e seguros da caricatura mais do que da análise. Que, muitas vezes, o lápis de Karan d'Ache é preferível ao bisturi de Pasteur...

Leia-se aquela crónica *Artistas* (pág. 19). Há verdade naquilo. Em *Os mineiros*, falha o conhecimento do meio. É uma crónica bebida no *Germinal*, mas que não representa a verdade. É que Forjaz de Sampaio nunca viveu entre mineiros, não conhece o *meio*, o trabalho, os ganhos, as exigências. Viva, como eu, durante meses, no contacto dessa gente e as suas opiniões modificam-se. Já no artigo *Emigran-*

tes a prosa toma elasticidade de artista. Há visões soturnas de fome e de miséria, e a sua prosa entôa e canta tôda uma sagrada litania de desgraça.

Emfim o livro distancia-se bastante do primeiro — para melhor; e àparte uma ou outra escapadela negativista que só serve para amolecer uma geração já de si abúlica e parva, as *Crónicas imorais* documentam um período da nossa vida, da nossa sociedade e sobretudo da época decadente, frouxa e má que atravessamos.

Mas o artigo que mais me satisfaz é o último — *A Tortura do Estilo*. Neste artigo Forjaz de Sampaio é bem o escritor moderno, cheio de talento, de observação, de análise. A análise é a sua mais alta feição literária, e na *Tortura do Estilo* ela apresenta-se-nos já forte, decidida, mais vocação do que esfôrço. Que pena Forjaz de Sampaio não nos dar só páginas assim! Que pena para nós e para a literatura portuguesa tão falha dêstes estudos, tão pobrezinha destas indispensáveis vocações de crítica literária!

A *Tortura do Estilo* fazia só por si honra bastante ao espírito observador e crítico de Forjaz de Sampaio.

Lisboa trágica

Em a *Lisboa Trágica,* que é o seu terceiro livro, nesta ordem cronológica que vamos seguindo, a prosa de Forjaz de Sampaio torna-se já de uma rara perfeição, de uma grande elasticidade. As ideas são mais perfeitas, a análise mais humana, a ironia mais profundamente equilibrada. E, tirante a *Sinfonia de abertura* onde há ainda pronunciados laivos do espírito negativista dos dois primeiros volumes já analisados, encontra-se por exemplo a análise realista, à Zola, na crónica *Do anoitecer à madrugada,* com fortes pinceladas de colorido, perfeito conhecimento dos caracteres focados, e uma especial ligeireza de pena que torna a acção desenvolvida, de fácil compreensão para o simples leitor e de meticulosa elevação filosófica para o rebuscador analista e exigente. E até o tipo doentio do seu *barão de Lavos* é exacto, seguro, completo. Vejam êste amanhecer lisboeta e digam-me se não há aqui beleza, observação, firmeza de linhas e de análise:

«...A hora avança. Não tarda que a luz venha surgindo lentamente, numa lentidão assustadora. Começa a clarear um pouco. Um homem apressado apaga bruscamente a luz do gás, que nos candieiros

> ainda crepitava. A linha dos telhados começa a debuxar-se no escuro e uma luz difusa, se abre em leque das bandas do horizonte. Já todos os galos cantam. E lentamente, como o combóio de um exército, começam passando em fila, carregados de hortaliças, no seu rodar áspero como um chiar de nora, os carros para o mercado. O som das horas já não vibra tão alto e começa a anonimar-se na turba dos mil ruídos da cidade que se espreguiça. É madrugada.»

Em *A vida* há a mais as três últimas linhas da crónica, blasfêmia que, nada representando ali, para coisa alguma serve. É uma escrófula purulenta a manchar a linha perfeita e nítida da observação cruel da vida.

Da Loucura à enxovia, odisseia de um louco que a falta de documentos arremessa para o buraco húmido e infernal de um calabouço, é uma página que há-de servir, anos volvidos, para a reconstrução selvagem de uma época criminosamente burocrata, e o nosso Govêrno Civil tem ali uma nítida fotografia das suas maiores vergonhas.

O *Conto do Natal* é um quadrozinho inferior, sem relêvo e de filosofia barata que podia muitíssimo bem não ter sido incluído no volume. Mas segue-se *Uma noite de rusga* e são páginas belíssimas de observação e estudo, páginas da Lisboa miserável e andrajosa, da Lisboa que se deita de mance-

bia com os percevejos das casas para pernoitar, da Lisboa que vegeta, esfomeada e vadia, nas alfurjas e nos alcouces. Páginas que marcam, páginas que vincam uma personalidade literária, observação que sintetisa o espírito analítico de um escritor e que não desonravam, quando assinadas, os nomes consagrados dos melhores realistas da última geração.

Vagabundos é uma página sangrenta de verdade; *Abyssus abyssum invocat*, um nítido *cliché* das roletas pataqueiras; a *Gente de Fogo* um quadro soberbo da vida de fábrica, junto aos altos fornos, fabricando o gás que há-de alimentar uma cidade inteira. *A Espiação* é a torturada notícia de um crime vulgar a que Albino dá, em duas pinceladas, as precisas côres do *alargamento* para se ver melhor — e fê-lo com mão de mestre —; na *Sonata de inverno*, a mesma visão nítida das imagens, a mesma percepção de análise, a mesma acuidade nas imagens. Há nesta crónica frases e pensamentos de um rigor inexcedível:

> «O miserável que constituiu lar é mais miserável do que nunca, se tem coração.»
>
> . . . .
>
> «Bemdito seja o sono, seja embora o frio seu cobertor.»

A *Noite de embarque* são sete páginas soberbas, de um colorido intenso e que marcam como páginas de um jornalista de raça, que sabe ver, analisar e sentir.

A colectânea fraqueja na *História de um Polichinelo* e nos *Prazeres que matam,* para se elevar um pouco em *As sombras da casaria...* e em *Os pobres* e tomar a feição negativista no *Depois da morte* que termina por êste pensamento — «entra connosco a suspeita de que a angústia da vida não termina nem ainda mesmo no Alêm» — o que vem corroborar em cheio a minha asserção de que o espírito filosófico de Albino Forjaz de Sampaio já hoje não escreveria as páginas das *Palavras Cínicas. O ventre da cidade* é o jornalista a afirmar-se de novo, o *reporter* a demonstrar a sua energia visual, a sua percepção analítica.

A Mimi da *Elegia de uma flor fanada* é um tipo bem lançado, bem estudado, e a descrição do *meio,* da habitação e da vida íntima dos desgraçados é perfeita. Na *Noite Morta* há a verdade que todos nós sentimos, nós os que nos acostumámos aos longos calcurriamentos pelos bairros escusos em noites de sonho e de mistério a ver, a analisar, a observar. E as palavras de Forjaz de Sampaio, tornam-se-nos vívidas, sentidas, de um especial sabor

ao agridoce travo do recordar. É assim aquilo. *No Hospital* é uma página de história da revolucionária Lisboa de hoje em que o autor da *Lisboa Trágica* nos pinta magistralmente a noite de 18 de junho, aquela noite histórica da chegada de João Franco ao Rocio, com tiros, espadeiradas, gritos, todo o medonho inferno das noites de tumulto na quadrilaterada praça de D. Pedro; e a crónica dessa noite vem completada com uma espécie de *diário* de um internado em S. José, páginas de amargura, de uma verdade igualmente flagrante, onde perpassa tôda a regelada angústia das velhas paredes do velho Hospital de Todos os Santos. Que pena o bom senso não ter indicado a Albino Forjaz de Sampaio a necessidade de cortar as linhas que se seguem às interrogações — *Mas morre? E a sciência? E Deus?* — de pág. 212, que nada valendo, só servem para perturbar o desenvolver da acção sem prestígio nem valor. E chegamos à última crónica do volume — *Amanhã*. São cinco páginas apenas. Leiam-nas todos, meditem-nas todos. São páginas de blasfêmia, mas são páginas de análise. São heresias e ronquidos de desespêro, mas são ponderáveis considerações às causas desta *débâcle* que estamos presenciando. E há ali — creiam-no todos tambêm! — muito que aprender e meditar para que se evite exacta-

mente aquele *amanhã* que o espírito azedamente pessimista de Albino prevê, quanto a mim, com grande justeza de vista.

E aqui está o que se me afigura ser a *Lisboa Trágica*, de Forjaz de Sampaio.

Prosa vil

Segue-se-lhe a *Prosa vil.* São crónicas igualmente. Mas cada vez a prosa de Forjaz de Sampaio me vai agradando mais, parecendo mais lógica, mais humana, menos agressiva. As duas primeiras crónicas rezam do Fado e valeram ao autor uma tremenda réplica de Avelino de Sousa [1].

Nessa réplica A. de Sousa, exagerado como todos os fanáticos, agride sem tom nem som, metendo à bulha Camilo e Silva Pinto para acobertar palavrões que quere atirar a Forjaz de Sampaio por detrás da cortina. Avelino de Sousa, traba-

[1] *O Fado e os seus censores.* / (Artigos coligidos d'*A Voz do Operário*) / Crítica aos detractores da canção nacional / Com uma carta do ilustre poeta e dramaturgo / Dr. Júlio Dantas / Preço 100 réis / Composto na vila Tomás da Costa. 6, 4.° porta G / Impresso no Largo da Abegoaria, 27 e 28 / 1912 / Lisboa / Editor, o Autor / Depósito, Rua General Taborda, 25, r/c D. Campolide / 56 páginas, com o retrato do autor em medalhão.

lhador honrado, tipógrafo de mérito, camarada de apreciáveis dotes a dentro das redacções, não precisava quanto a mim ser grosseiro para defender o Fado — que uma causa tanto mais se defende com quanta maior serenidade se ataca o adversário. No fundo estou convencido que estão ambos de acôrdo — ambos gostando do Fado, mas vendo-o através prismas diferentes. Claro que o Fado não é uma canção nacional se o consideramos sob o ponto de vista *oficial*, e é êste o caso de Forjaz de Sampaio, mas é *nacional* se o damos como expressão do doentio sentimento da raça. Eu por mim declaro sem mais preâmbulos que é de tôdas as canções a que mais me comove e por conseqüência a que me faz vibrar mais intensamente a minha emotividade de meridional... e de português.

Agora pergunto — Forjaz de Sampaio exagerou o ataque? Sem dúvida, como Avelino de Sousa exagerou a defesa. *Arcades ambo!*

E ambos se me não engano deixaram na gavêta os melhores argumentos *pró* e *contra*, e principalmente o não nos terem dito, um e outro, onde começava e onde acabava o Fado, no campo poético como no campo musical.

Mas deixemos isto que nos levaria longe de

mais na análise de um incidente que só serviria para nos afastar do fim dêste livro.

No *Fragmento de uma carta* há a ironia da vida, o conhecimento da sociedade com a indispensável pontinha da boa troça portuguesa; *Políticos* é uma pincelada de mestre a marcar a época frívola de videirinhos em que caíu uma raça que se abocanha e se morde para obter — abençoada gente — uma série de empregos que deem dinheiro e não deem trabalho. Crítica bem lançada, com proporções, a verdade paira nela como o azeite ao de cima de água; *A Dança*, crítica de teatro, é mordente sem exageros e agrada pela crueza da verdade exposta. Depois vem *João Rosa* a piedosa evocação do grande mestre ainda quente no seu leito de morte; *Chapéus e Animatógrafos*, óptima *blague* que nos aflora aos lábios sem dificuldade o sorriso das coisas graciosamente reinadias; *Viagens* é um belo estudo caricatura sôbre os *teóricos* que são paralíticos e fazem viagens pela *Bædecker* e pelos itinerários da *Cook; A questão ortográfica* é a sua opinião sôbre ortografias com as divergências dos mestres — e veem exemplos de Aulete e de Vieira, de Herculano e do sr. José Veríssimo, de Latino Coelho e de Castilho, de Garrett e do sr. Cândido de Figueiredo, de Filinto e de Camilo.

A opinião de Albino cifra-se numa linha — «não liga importância nenhuma à questão ortográfica».

É uma opinião. Eu, escrevendo, esforçar-me hei por seguir sempre a ortografia à antiga portuguesa. No entanto nos meus livros há, à conta dos tipógrafos, ou dos editôres, ortografias para todos os paladares. É que hoje é impossível escrever-se um livro numa certa e determinada corrente ortográfica. Cada compositor tem a sua mania e a sua sciência certa e se nós fôssemos a emendar, cada livro teria que ser composto pelo menos vinte mil vezes, se tivesse mil palavras...

Na crónica *Oscar Wilde* há análise, há graça e há filosofia. E para que analisar mais crónicas? Tôdas elas revelam um espírito arguto, superior. No entanto na sua prosa há ainda, uma vez por outra, falhas, deslizes, negligências.

Eis um exemplo:

> «E os pintores de oleografias deixarão de reproduzir os canais de Veneza, *onde* na água verde em reflexo de prata se esbate um luar de balada. Uma gondola desliza, *onde,* numa canção sentida, um Romeu suspira e passa».

A conquista do Céu — pág. 143.

Uma revisão cuidada faria desaparecer um daqueles *onde*, repetição que tira tôda a graça e tôda a leveza ao período.

De todo o livro há porêm duas crónicas que merecem especial menção. Uma para condenar *in limine*. Chama-se *Os santos populares*: arrevezada, satânica e ignorante. Outra para apoiar e para condenar. Intitula-se *Camilo* e nas suas referências ao Mestre é de uma alta sensibilidade artística e de uma flagrante justiça de português honrado que sabe ajoelhar comovidamente perante a maior glória literária que possuímos, perante o mais formoso e o mais elevado espírito de tôda a nossa vastíssima literatura. Mas é injusto nessa crónica Forjaz de Sampaio quando deprime a glorificação de Camilo pela estátua. Não. As estátuas não servem apenas para que *um gato sôbre elas esguiche a sua injúria líquida*. Servem acima de tudo para que os pobres, os humildes se descubram ao saberem-lhe o nome, e neste caso, mortos os ódios que Êle levantou, para que nós todos o glorifiquemos à luz do sol, depois de o termos entronizado no íntimo dos corações.

E a *Prosa vil* termina pela crónica *Gente moça* que vale tambêm, para fechar, uma referência muito especial. Nesta crónica, onde há bom senso e justa apreciação da época que atravessamos, há igual-

mente, vistas bem as coisas, a condenação dos primeiros dois livros do autor — *Palavras Cínicas* e *Crónicas imorais* — por terem contribuído para o ambiente de dessòramento moral que na *Gente moça* se aponta e justamente se estigmatiza.

Exemplifiquemos:

> «Se o amor, pela falta de cultivo, como uma planta rara se estiolou e morreu, a mocidade faliu fraudulentamente».

Pela falta de cultivo não é bem. Antes pelo derrancamento do *eu* moral produzido pelas extravagantes teorias que se estão repisando com certa desfaçatez, desde a segunda metade do século XVIII e principalmente em tôda a vasta e maldosa desorientação do século XIX.

> «O homem tem evolucionado muito. Antigamente existia uma época na vida que se chamava mocidade.
>
> . . . .
>
> «Amava-se, amava-se a valer. Era a época da galantaria, da paixão. E o homem era nessa época como os heróis antigos.
>
> . . . .
>
> «Tudo isto passou. A mocidade morreu. Hoje nasce-se velho. Ainda menino, logo se começa a deitar contas à vida. Assim, aos doze anos, já um fedelho conhece as mulheres como os seus dedos,

> começa a queixar-se do estômago, foi preso oito vezes com resistência ao captor, e com pronunciadas olheiras e a espinha curva sabe de experiência própria o nome e o resultado de certas especialidades farmacêuticas».

Muito bem. É isto na generalidade. Felizmente a geração nova vai modificando um pouco os seus gôstos, os seus hábitos, os seus costumes, para melhor. Mas na generalidade é assim. E eu acrescento: — é exactamente por isso, por essa miséria moral apontada por Albino Forjaz de Sampaio, que as suas *Palavras Cínicas* vão no 16.º milhar, e as suas *Crónicas imorais*, no 7.º!

É que a obra má e perversa e amoral de Voltaire, de Oscar Wilde, de Richepin, de Jean Jacques, de Zola, de Schopenhauer, e de tantos outros, continuada e seguida fetichísticamente em Portugal por Guilherme Braga e por Guerra Junqueiro, por Eça de Queiroz e por Abel Botelho, pelo sr. Alfredo Pimenta e por Albino Forjaz de Sampaio, para não citar mais gente, não podia dar outro resultado senão êsse — a derrancação dos costumes, a perda da virilidade juvenil, o amortecimento de tôdas as virtudes da alma e de todos os valorosos excessos da juventude. Daí a *velhice* dos rapazes — caquéticos na alma e no corpo, fedendo a coeiros e já herejes,

ainda imberbes e já rufias, mal entrados na vida e já entronizados na desvergonha.

Foi o *schopenhaurismo* e o *realismo*, a heresia à *Voltaire*, e a filosofia à *Wilde*, o negativismo alemão e o niilismo russo, as ideas avançadas, o desrespeito pelas *velharias*, o ódio à tradição, que lhe deram — a essa mocidade pervertida e anémica — a dose de veneno indispensável, a intoxicação do seu organismo *arrendado* pela sífilis e da sua alma putrefacta a desfazer-se no monturo de tôdas as ignomínias!

E é talvez com um profundo arrependimento por ter contribuido também para essa decadência que Albino escreve ao findar, quási, a última crónica da *Prosa vil*:

> «Suprimido o amor, o homem entendeu decretar a supressão da mocidade. *Acho que fêz mal.* A mocidade era útil, era precisa, quanto mais não fôsse para a gente a recordar com saudade ou se envergonhar dos seus desvarios quando chegasse a respeitável.»

Certo. Assim é e assim devia ser. É o primeiro rebate na consciência de Forjaz de Sampaio que podia acrescentar, à guisa de *mea culpa*: — pesa-me, leitor, de ter contribuido para êsse estado da nossa derreada juventude com a minha prosa irreverente e

satânica, de que já hoje, como vês na *Prosa vil*, me vou lastimando e arrependendo.

Sim, — que a *Prosa vil* é bem diferente da prosa primitiva de Forjaz de Sampaio, prosa que vai dia a dia melhorando, como eu e tu, leitor benévolo, iremos analisando com vagar e com satisfação.

Gente da rua

Gente da Rua, não é um livro de crónicas, é uma novela, baseada nos moldes da escola realista, e que como tal apanha flagrantemente o meio político-social português dos nossos dias. Tôda a acção do livro gira em volta de três figuras principais — Silvino, *reporter* de um jornal avançado, espírito romântico, coração aberto para o bem e para o perdão; Cláudio Costa, orador de comícios, que se vende mais tarde por uma situação bem remunerada, e Corália, uma corista barata que Silvino arranca do enxurro para ela o trair ignóbilmente com Cláudio, seu amigo. Das figuras secundárias, tôdas profundamente marcadas e devidamente analisadas, há ainda a destacar a Mariana e o Joaquim Algarvio, dois tipos lisboetas óptimamente focados, cheios de vida, de verdade e de observação.

Aspectos da casa
do escritor



Albino Forjaz de Sampaio
e as suas duas filhas,
Maria Olga e Maria Luisa

(Clichés de Furtado & Reis)

Todo o livro é escrito naquela linguagem crua e rascante de Albino Forjaz de Sampaio, e há nêle termos, adjectivação, arrojos que marcam a individualidade definida de um escritor que vale e que se impõe perante os escritores do seu tempo, criando uma linguagem e uma construção muito sua e muito fora da banalidade comezinha dos que se arrastam julgando que fazem prosa.

Assim temos *olhos machadantes* (pág. 8), *grevistas assembleavam* (pág. 9), *estrupidando ferragens* (pág. 11), *simum-verbo* (pág. 19), o caso é que parece que o peito de Maria Antónia *se avulcoou* por Cláudio (pág. 35), o desafôro *açamou-se* (pág. 35), criaturas *transloucas* (pág. 38), as *lâmpadas scentelhando* (pág. 40), fumo que *arabescava* (pág. 41), farinha de velhice *salpimentando-lhe* a barba (pág. 41), *sacolejava* a lanterna (pág. 49), gesto *parafusante* (pág. 50), Gonçalves *piluleiro* (pág. 56), bandós *fanchonos* (pág. 57), criada *pigmentosa* e suja (pág. 57), *egoismou-se* (pág. 63), *cirandava* (pág. 74), naquele *cinema da memória* (pág. 107), antes que a devorasse *o gusano da podridão* (pág. 109), homens *veniajavam* (pág. 139), fazer *salama* (pág. 142), ânsia *fermentescível* (pág. 150), *castrar* a maré (pág. 150), a sêda verde da lâmpada eléctrica dava uma luz *penumbrosa* (pág. 151), e outros que não vale a pena

transcrever. De lastimar é que o autor da *Gente da rua* caia por vezes em repetição de palavras como por exemplo *moquenqueira* que Forjaz emprega *sete vezes* em situações iguais, nas 156 páginas do livro, e se descuide também na perfeição de um ou outro período deixando passar — *Vai tudo aí por pó de gato!* (pág. 35) o que não representa sequer a linguagem do nosso povo que quando não diz *pelo pó do gato* diz inquestionávelmente *p'lo pó*, mas nunca *por pó*. E a páginas 34:

> «— Mas a quem sais tu assim? perguntava-lhe às vezes a mãe. Mas nada. Era delgaducha, franzina e olheirenta. Muito mais, incomparávelmente a mais viciosa do rebanho».

Ora isto está incompleto. Não tem sentido, nem tem gramática. Claro que bastava a Forjaz de Sampaio uma cuidada revisão e estas coisas desapareciam. Mas essa revisão não se fêz e nós não podemos perdoar a Forjaz de Sampaio essa negligência pelo aperfeiçoamento da sua prosa, embora lhe louvemos muito a sua exuberância produtiva.

Também encontro um pensamento disparatado, um paradoxo sem pés nem cabeça. É quando, a páginas 73, escreve:

«Não longe, na manhã de um dia radioso e lindo, cheio de sol, *um daqueles dias em que apetece ser morto,* estava Silvino ainda deitado».

Sublinhei o paradoxo, e por mais que pense não vejo como, num dia de sol claro e lindo, a pedir paisagens belas, horizontes largos, apeteça a alguêm *ser morto* por causa disso. Mas em compensação há neste livro belas coisas, grandes coisas, em análise, em observação, em sentimento. Há o psicólogo, o *reporter*, e o historiador. Há páginas que são *clichés.* Há pensamentos que valem por um livro inteiro da mais espiolhada psicologia social. Depois o *meio* jornalístico, o *meio* operário, o *meio* oficial e sobretudo o *meio* emporcalhado de certas casas de hóspedes, aparecem no livro de Forjaz de Sampaio, tão nítidos, tão claros, tão verdadeiros, que é preciso conhecê-los bem de perto para avaliar o extraordinário valor de observação e o cuidado escrúpulo analítico dessas páginas de uma perfeição e de uma beleza críticas dignas de um escritor que se prese e que valha.

É ver:

«O ambiente estava cheio de ameaças e a cidade tinha o ar meditabundo e preocupado de um homem a quem nasceu um furúnculo sob o colarinho».

(Pág. 8)

É o ôvo de Colombo! Tem elevação o pensamento? Não. Mas tem justeza. E a justeza quási sempre prefere a elevação da linguagem mormente quando, como no caso presente, se não está retoricando, mas dando aos leitores a impressão nítida de um facto.

Outro:

> «Cláudio voltara de novo à vida associativa. *Ninguêm sabia bem o que o chamava alı, que êle não era operário, nem a causa de tamanho interêsse pelos operários.* Mas êle apresentava-se como defensor dos oprimidos, como revoltado, como verberante de tôdas as iniqùidades sociais e com tais palavras de passe conseguiu ser considerado e até indispensável. *As multidões gostam sempre dos charlatães. Adoram o brilho tanto quanto odeiam a profundeza*».
>
> (Pág. 37)

Há ou não verdade nisto? Sublinhei o preciso. Estereotipa-se aí em meia dúzia de linhas tôda a psicologia dêsses aventureiros que se introduzem nas classes pobres, que a orientam, as exploram, as levam para a miséria e para a ruína de movimentos aparentemente justos, mas que falham sempre, e a cuja ameaça para os governantes êles trepam, êles criam situações pingues e vantajosas.

Albino Forjaz o apresenta na extrema nitidez destas palavras:

« Falava-se vagamente em que êle queria ser deputado para ir ao parlamento dizer da justiça dos humildes. Mas tudo isso era vago.

. . . .

« Que, porêm, contentava-se em ser uma espécie de dono do operariado, em ter na mão as associações ».

(Pág. 38)

E mais adiante, na entrevista de Cláudio com o Governador Civil, Forjaz de Sampaio dá bem a nota do seu valor como psicólogo escrevendo:

« Cláudio estava estarrecido. Achava deveras simpático o Governador Civil e via muito bem o que êle queria. Ah! Êle não era tolo. Aquele homem afável queria comprá-lo. Chegava pois a ocasião, a sonhada ocasião de se vender, de subir, de ser alguêm. Sempre fôra ambicioso, e se recorrera aos operários é porque sabia que êles eram o grande rebanho de que se faz o que se quere.

. . . .

«...e quando Cláudio saíu tinha aceitado outro charuto e fôra acompanhado até à porta pelo sr. Governador Civil que o tratava já por meu « caro amigo ».

(Pág. 44)

E o final dêste capítulo é soberbo, de uma estranha e rara felicidade:

« Era uma da madrugada. Cláudio subiu a gola do sobretudo, o seu pobre e verde-negro sobretudo

de golinha de veludo, e ao ar fresco da noite aspirou com delícia as primeiras fumaças do seu charuto, o charuto caro, homenagem da Ordem, tributo insignificante à sua obra de revolta e demolição».

(Pág. 45)

A casa de hóspedes da D. Rosa é flagrante de verdade e justeza; as suas figuras são reais, vívidas, humanas; e as duas criaturas Corália e Silvina, bem apanhadas do natural, são óptimas, perfeitas, completas, os episódios bem desenhados, nítidamente expostos desde o encontro no *Magina* até à scena final. Já o mesmo não acontece à figura principal — o Cláudio — que sendo uma figura essencialmente realista termina com uma nota arqui-romântica perfeitamente dispensável e que destrói um pouco a beleza homogénia da figura. Vem a páginas 154. Transcrevo:

« Apavorado (Cláudio) buscou um chapéu mole, pôs pelos ombros um varino, *o mesmo com que outrora fugira à polícia acompanhado por Silvino e que por inexplicável fatalismo conservava ainda*».

O que é inexplicável é esta conservação do varino, absolutamente inadmissível em quem, como Cláudio, teria até todo o cuidado em fazer desaparecer, de diante dos seus olhos, tudo quanto lhe fizesse

recordar o seu passado de *meneur*, o seu tremendo passado de vendido e de traidor.

Para quê conservar o varino? Para quê guardar como um tesouro essa coisa, que ao seu orgulho de guindado da sorte, havia de aparecer constantemente como um fantasma ou como um remorso? Não. Se êste pormenor ficava perfeitamente bem num romance *romântico*, fica detestávelmente mal num romance *realista*.

Há também *empederniu-se* (pág. 62) e *empederniu* (pág. 65) que me parece ficaria melhor *empedreniu-se* e *empedreniu* do verbo empedrenir — duro *como pedra*. É possível que Forjaz nem nisso pensasse um segundo, tanto mais que todo o mundo escreve e diz *empedernir* embora diga e escreva *pedra*.

E para findar direi, resumindo: *Gente da rua*, dos quatro livros analisados, o melhor, é um grande e formoso livro de análise e de crítica que uma futura edição há de pulir, lapidar, tirando-lhe os pequeninos *senões* que a lufa-lufa da produção deixou passar. *Gente da rua* marca uma época, descreve o finalizar de um regime e carreia para a História de hoje que se há-de fazer um dia, vastos elementos de análise, de nítida observação e de profundíssimo estudo.



Albino Forjaz de Sampaio
Caricatura de SAAVEDRA MACHADO

É o segundo livro que êste amigo
Escreve e dá à luz, com muito agrado;
Por isso deve ser elogiado
Conforme em casos tais me desobrigo.

O livro d'hoje e, ao que suponho, o antigo
São de homem de talento e revoltado,
Tanto que no prefácio tem cuidado
De se indispor com todos — não comigo.

Adoro quem se mostra independente,
Quem vai zurzindo a torto ou a direito
Esta chagada, miserável gente.

Vá, seu Albino, que tem alma e geito!
Ponha-me em sangue os outros, se é valente
Corra-me a pontapés o preconceito!

De *O Seculo*, suplemento (1908)

X. P.

Grilhetas

Segue-se-lhe, cronológicamente, o volume *Grilhetas*.

O autor o diz: — trata de escritores e Albino *acha que o nome está bem, dado o trabalho intelectual ter na nossa terra equivalência à condenação penal de trabalhos forçados.*

Começa pela *Resposta a um inquérito*, autobiografia onde há muita *blague* à mistura com muitíssimas verdades e uma ou outra afirmação paradoxal.

> «Pode ser-se sonhador, utopista, visionário, mas com a algibeira vazia o sonho, a utopia, a visão, há-de ser sempre a moeda que nos falta».
>
> (Pág. 12)

Não é verdade. Camões não foi rico, Bocage não foi rico, e Camilo viveu como Albino Forjaz o apresenta mais adiante e como todos nós sabemos. Isto cá por casa. Lá por fora veja-se Milton, Shakespeare, Dante. Veja-se Daudet e Zola. As suas melhores

obras, as de mais chispa, as de mais talento foram feitas quando êles não tinham «com que mandar tocar um cego». O próprio autor dos *Grilhetas*, que tinha quando escreveu as *Palavras cínicas*, as *Crónicas imorais*, a *Lisboa trágica?*

Outro paradoxo:

> «... os *Lusiadas*, a *Iliada*, o que os senhores quiserem, só são adoráveis vistos através de uma boa digestão».
>
> (Pág. 10)

Tambêm não é verdade. Através uma boa digestão o que é agradável, e sobretudo o que sabe bem, é um bom charuto. A beleza das grandes obras primas, geralmente, é vista à luz de uma vela, na trapeira de um quinto andar, quando se tem a alma cheia de ilusão e o peito cheio de fé! Então, sim. Então é que a chama bemdita do Ideal, sobe, às cavalitas do Pensamento, até tocar as nuvens, para pairar lá muito em cima, lá muito alta, onde lhe não cheguem as flatulências das boas digestões. Não será assim?

Mas aqui está um belo, um grande pensamento — grande e verdadeiro:

> «... tudo, todos se vão no dia em que de pobre se desce a miserável».
>
> (Pág. 13)

Todo o resto do artigo é uma *blague* pegada, prosa irónica com seus laivos de repulsa, mas fica-se sabendo (pág. 14) que os seus deuses são Camilo e Fialho, e assim, mesmo sem querer, Albino Forjaz de Sampaio, vai dizendo as suas preferências sôbre escolas literárias...

E seguem-se as máscaras e vem Silva Pinto a cujo estudo eu já largamente me referi no meu livro *Camilo e Silva Pinto*, que a casa Guimarães & C.ª editou e que o leitor pode ler se quiser, comprando-o.

Depois *Ramalho Ortigão* que foi bem aquilo que Albino nos apresenta por mais que zoilos de vária espécie digam o contrário em desabono da irreverência do autor do *Grilhetas*. Em *Camilo Castelo Branco*, Forjaz de Sampaio analisa as relações de Camilo, escritor, com a casa editôra, já extinta, Matos Moreira, cujos *copiadores de cartas* Albino leu, colhendo aí apontamentos curiosíssimos e indispensáveis ao grande estudo que um dia se há-de fazer ainda e que, por emquanto, é obra fragmentada, caboucos a que cada um de nós tem dado a sua enxadada, sem outro fim que não seja o de abrir os alicerces do grande edifício a construir. O artigo em questão, sob êste importante ponto de vista, é óptimo.

Depois *Fialho*. E a figura do prosador admirável do *Paiz das Uvas* sai da prosa de Forjaz mais conhecido e mais compreensível.

Segue-se-lhe *Eça de Queiroz* e *Jules Claretie*. No primeiro aparece, numa revelação perfeitamente inédita, o lado comercial do autor dos *Maias*. E que belo, que profundo estudo de comparações e de análises onde sobressai a fina ironia de Eça *bras-dessus, bras-dessous* com o romantismo de Mariano Pina. No segundo, simples esbôço de figura, evoca-se uma carta do escritor de *Les Ingrats* ao autor dos *Grilhetas*, em que êste é saudado pela beleza do soneto *Ao cair da fôlha* que Albino lhe mandara. E aqui noto eu o desfazer de uma *blague*-paradoxo de Forjaz. Neste mesmo livro Albino escreveu a páginas 12:

> «Arte? Artistas? Não acredito. Criaturas que precisam de comer. Gente uma por fora outra por dentro. Egoístas, egoístas apenas».

E a páginas 45, referindo-se à espantosa actividade do falecido director do *Temps*:

> «É que êsse artista era uma criatura infatigável *que tomava o trabalho não como um duro fado a cumprir, mas como uma deleitosa tarefa a executar*».

Sublinhei a contradição.

Ora quem leia só uma ou outra obra de Forjaz de Sampaio e as não conheça a tôdas pode muito fácilmente tomar a nuvem por Juno e julgar que as excentricidades de Forjaz de Sampaio são afirmações feitas a sério. Que o não são demonstra-o suficientemente o que aí fica.

A fechar o livro veem mais três capítulos—*Inquéritos de jornal*, *Á margem de alheios livros* e *Figuras gradas*. No primeiro fica-se sabendo como trabalhavam ou trabalham Abel Botelho, A. Lopes Vieira, Malheiro Dias, Schwalback, Eugénio de Castro, Fialho, Gomes Leal, D. João da Câmara, João Penha, Júlio Dantas e Teófilo Braga; e se uma boa parte da gente em evidência no nosso tempo é ou não fumadora, e o que fuma. São inquéritos interessantes, jornalísticos, cheios de humor e de vivacidade. No segundo analisam-se livros de Júlio Dantas, Eduardo de Noronha e Delfim Guimarães. E no terceiro há elogiosas referências e justos comentários a Bento Mântua, Schwalback, Fernandes Tomás e Latino Coelho.

E todo o livro é curioso, interessante, em elevada linguagem de prosador já feito e seguro dos seus méritos e da sua prosa.

Vidas Sombrias

Uma tarde no seu gabinete de trabalho da Biblioteca do Ministério do Comércio, de que é director arquivista, Forjaz de Sampaio, entregando-me o último dos seus volumes publicado, dizia-me:

— Aqui tem você mais um livro meu. E por sinal um dos meus livros de que vai gostar...

E passou-me para as mãos *Vidas Sombrias*. Forjaz de Sampaio, não se enganou. É para mim, de facto, o melhor, o mais belo, o mais são e o mais humano de tôda a sua obra já vasta e barulhenta. É um livro cheio de piedade e cheio de amor. Livro das lágrimas, das dores, dos desânimos, da miséria — é todo um livro bem do coração, é todo uma grande tragédia de sentimento, em que a bondade e a verdade palpitam e em que os miseráveis, os pobres, os famintos, os deserdados, todos os que sofrem e todos os que lutam, todos os que escavacam a alma e o peito na penedia aguda e hostil da desgraça, todos os que se afogam no mar sem fundo das lágrimas martirisantes, todos emfim os que estrangulam a alegria de viver na corda rígida do Azar, se apresentam tais quais são à luz magoante de uma

análise feita aos raios X da observação, mas feita com arte, com talento e com piedosa ternura!

Ah! que belo fôra que tôda a obra de Forjaz de Sampaio fôsse assim humana e sentida, verdadeira e leal! Que enorme monumento literário, cheio de verdade e de carinho, de sentimento e de análise, não teria já hoje o autor das *Vidas Sombrias!*

É um livro que se lê com o cérebro e com a alma, e em que é preciso enxugar, uma vez por outra, os olhos humedecidos. Não há palavrões para *épater le bourgeois,* não há esforços de retórica, não há efeitos de pirotecnia literária. É um livro calmo, sereno, tranqùilo como a água límpida de um lago, livro de tragédias que se compreendem na própria calmaria da acção. Não arripia, sensibiliza. Não cega, ilumina. A vida é assim, para os pobres, para os humildes, para os desgraçados. A existência dura e adversa tem aquelas dores, aquelas mágoas e aquelas filosofias.

Mateus, o velho trapeiro, com «a sua filosofia especial que o tornava quási feliz», é um poema de dor, de amargura e de lágrimas, dor que se petrifica, amargura que se anquilosa, lágrimas que se cristalizam, nos longos solilóquios mentais, através as ruas da cidade, a derrear-lhe os ombros a «sacola de variegadas côres» até se ir amouchar, noite já, no

seu antro húmido e frio, encolhendo ainda filosóficamente os ombros magros à teimosia impiedosa da gota de água que lhe perturbava o seu bom humor de pária, a sua filosofia de miserável farrapo humano.

O *Filósofo* — vida de amor, desfiada lágrima a lágrima, pelos lábios da velhota «tão antiga no bairro como êle», são das páginas mais belas que Forjaz tem escrito, cheias de vida, de sentimento e de verdade.

O mesmo direi do pequenino episódio, sentimental e terno, do moço de bordo, e reforço a minha opinião, com as páginas soberbas daquele *Pai,* viúvo e tristonho que andava à procura do fiador, emquanto lá em casa a filha morta lhe apodrecia já, porque êle, o desgraçado, nem dinheiro tinha para o entêrro. Depois a história simples daquele moço de fábrica, bom, pontual, obediente, trabalhador, pôsto na rua pelo capricho de um novo mandão, cegando, na fúria de ter perdido o sustento dos filhos, e matando na epilepsia racional, humana e lógica dos sentidos... Que beleza de figuras, que explêndido apanhado de sentimentos!

E que lindo poema *O Sonho,* feito com tôdas as tintas amargas da ilusão, desfeitas na dura realidade de uma mansarda pobre e triste.

E *O bêbedo?* Há ou não absoluta verdade naquele



Albino Forjaz de Sampaio

Cliché de Furtado & Reis.
1919

borrachão ignóbil que concordava com o amigo «em que um homem não é de ferro, e que um bocadito de *libardade* não fica mal a *uma pessoa*»? E que profunda e amarga verdade esta num simples comentário do escritor:

> «Liberdade chamava o bêbedo o meter-se no carvoeiro com a féria e a só sair de lá quando a tasca fechava e o dono punha os fregueses na rua, tendo-lhes trocado o dinheiro por vinho».

E aquela mulher, fêmea que a todos os bofetões se submete, cadela que lambe a mão brutal do dono — só por que êle, um bêbedo e desordeiro, *é o pai dos seus filhos*... É isto assim, pois não é? Quantos exemplos não temos nós aí diáriamente? Quantos?!

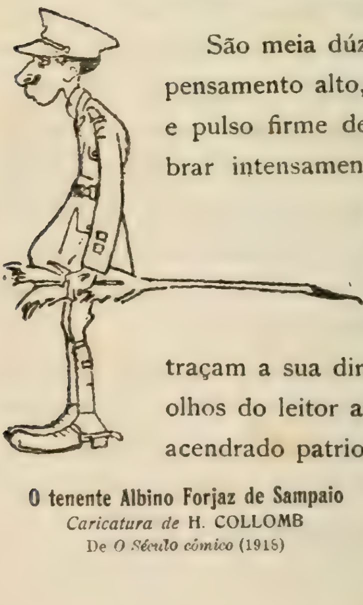
E o volume é assim — *O cigarro, A morte, O amor, O frio, A velha, A orfã* e todos os outros, uma infinidade de episódios roçados pela asa negra da Desgraça — livro de um sonhador e de um filósofo, de um poeta e de um analista, livro humano, livro onde a verdade canta e ri e chora tôda uma grande tragédia de sofrimento!

Vidas Sombrias é de facto, dos livros dêste escritor, até hoje publicados, o melhor. A própria linguagem é mais forte, mais bem equilibrada, mais justa. É um livro que ficará a marcar algo de valia na produção literária de uma época.

A Avalanche

A Avalanche é o poema das trincheiras. Poema feito de esperanças, na luta épica dos campos ensangùentados da Flandres e nas enxovias húmidas das trincheiras. Vejam a beleza desta dedicatória:

> «A todos, que ao frio, à neve, à chama rubra dos incêndios, ao troar do canhão, ao enervante crepitar da fuzilaria, na incerteza das águas do mar, na planície desolada da Flandres, na noite negra das trincheiras ou na noite vermelha dos hospitais, souberam lutar, combater, sofrer, morrer, honrar a Pátria — *Soldados de Portugal,* dedica o autor».



São meia dúzia de linhas vibrantes, pensamento alto, coração sadio e forte, e pulso firme de escritor, fazendo vibrar intensamente a corda do sentimento. São meia dúzia de linhas que marcam a elevação de todo o livro, que traçam a sua directriz, que rasgam aos olhos do leitor a larga estrada do mais acendrado patriotismo a percorrer.

O tenente Albino Forjaz de Sampaio
Caricatura de H. COLLOMB
De *O Século cómico* (1918)

O livro tem duas partes distintas: *À margem da grande guerra* e *No coração da guerra*, uma fazendo parte da outra incidentalmente. Na primeira há a filosofia e a história da guerra vista sob o prisma democrático; a segunda são paisagens, impressões e episódios colhidos no próprio teatro da guerra onde batalharam soldados de Portugal. Na primeira há observação e história, muita leitura, vastos conhecimentos e acima de tudo isso uma clara psicologia das gentes que fizeram a guerra.

Não discuto as opiniões expendidas. Nem estes estudos teem êsse objectivo, nem eu me quero imiscuir em observações políticas, numa obra meramente literária.

Na segunda parte, a observação natural, a graça expontânea e aquele *quid* de prosa genuinamente portuguesa e sentimental sobressaem a ponto de tornar a leitura, ademais de interessante, graciosa e pitoresca.

Não é uma obra homogénea. Mas é uma obra que há-de ser lida com prazer mesmo quando estas coisas da guerra de hoje já não despertarem entusiasmo na política dos interesses agora em jôgo e à bulha.

A guerra não deu em Portugal obra de fôlego. As crónicas de Adelino Mendes, Augusto de Cas-

tro, Hermano Neves, Forjaz de Sampaio, Almada Negreiros, Paulo Osório, André Brun, Xavier de Carvalho, José Pontes e Mário de Almeida, para não incluir as minhas, são tôdas meros episódios, pontos de vista jornalísticos, apreciações sôbre o joelho, mais ou menos bem lançadas com maior ou menor chama de sentimentalidade. Obra de gabinete, ponderada, valiosa em absoluto, história sem rancores, análise sem política, observação sem facciosismos nem partidarismos não houve para aquêm dos Pirineus, embora a tentasse esboçar no Pôrto, Bazílio Teles, um velho republicano que, por isso mesmo, foi logo pela turba alcunhado de germanófilo e de traidor—pelos próprios partidários!

E mesmo assim a obra dêste escritor foi quási insignificante, simples opusculos, sem largos rasgos de crítica desafogada.

No entanto afirmo, foi esta a única tentativa séria em Portugal. Não quere isto dizer que os livros de guerra dos escritores apontados não tenham, cada um de per si, o seu valor restrito e relativo. Como não quere dizer tambêm que *A Avalanche* não seja, como já disse, um belo e formoso livro de guerra, com muita observação, com bastante viveza e principalmente com aquele fogo sagrado do patriotismo indispensável ao fim que Albino Forjaz de Sampaio

tinha em vista — a propaganda e a justificação da nossa participação na guerra.

E ainda o livro denota que, se Albino Forjaz de Sampaio tivesse querido, teria feito a obra de verdadeiro cunho histórico, cuja lacuna apresentei e ficou infelizmente em aberto. Isto se demonstra exuberantemente nos capítulos da primeira parte de *A Avalanche*, cuja soberbia de expressão é admirável pela sinonimia: a *Deutschland über alles* e *A arte alemã*, onde há uma acuidade crítica espantosa e uma justeza de vista muito para louvar... e meditar.

Emfim — da primeira parte sai demonstrada a tese de que a Alemanha, que só teve génio na imitação, no aperfeiçoamento, na adaptação (pág. 41), foi um pouco a oficina da Europa, mas nunca o cérebro do mundo (pág. 42); da segunda parte, hino de amor à raça portuguesa, tira-se a bravura, a coragem, o bom humor e a estupenda adaptação do soldado português.

E o livro de Forjaz de Sampaio marca assim mais um escalão valioso na série de crónicas já coordenadas nos volumes anteriores e onde a prosa muito pessoal do autor da *Avalanche* se vai tornando cada vez mais homogénea e apreciável, vista através da sua originalidade e do seu vigor de *reporter* e de crítico.

*

* *

A Avalanche foi causa ainda de azêda disputa e acerada má língua nas gazetas de Lisboa e Pôrto contra Forjaz de Sampaio. O «escândalo Forjaz» deu colunas [1]. Misérias, porcarias a que todos nós nos habituámos há muito neste pequenino país de coisas pequeninas. Não vale a pena recordar ódios e transcrevê-los. Para quê? Mas o «escândalo Forjaz» deu uma réplica de Albino e nessa réplica, feita

(1) Tendo causado estranheza que o sr. Albino Forjaz de Sampaio fôsse equiparado a tenente, em conseqüência da sua nomeação para o desempenho de uma comissão de serviço junto do corpo expedicionário português, em França, informam-nos as estações competentes que aquela equiparação foi concedida em virtude do determinado no § 1.º do artigo 3.º do decreto n.º 2866 de 30 de novembro de 1916 e por analogia com o preceituado no artigo 1.º do decreto n.º 2911 de 28 de dezembro do mesmo ano para os 2.os oficiais telegrafistas e das pagadorias, visto o sr. Albino Forjaz de Sampaio ser arquivista-chefe do ministério do comércio, a que corresponde a categoria de 2.º oficial. Quanto à comissão de serviço de que foi incumbido o sr. Forjaz, é ela de confiança do govêrno, que a reputa indispensável neste momento e da qual em ocasião oportuna dará o devido conhecimento ao paiz.

(*Nota Oficiosa*, emanada da Arcada e publicada no *Século* de 20-XII-917).

com muito sangue frio e desusado bom senso, explica-se tudo. Cortemos-lhe as ferroadas directas e apresentemos a defesa que vale a pena ler e arquivar. Veio na *Luta*, n.º 4247, de 21 de janeiro de 1918. E dizia assim:

«Ora vamos a isto.

Havia no ministério da Instrução uma comissão cujo fim era a propaganda de Portugal intra e extra fronteiras, comissão de que faziam parte criaturas que muito considero e de quem me honro de ser amigo. Um belo dia propus a compra de uma edição de artigos meus, crónicas que tinha publicado sôbre a Alemanha. A comissão achou que seria melhor fazer eu um livro novo, de impressões directamente colhidas no *front*, livro curioso e vivido. Concordei e propus-me fazê-lo. Receberia para isso 3:000 francos, foi o que pedi. Em troca daria artigos de propaganda nos jornais onde costumo colaborar, publicaria um livro de 240 páginas, com um mínimo de tiragem de 3:000 exemplares e daria à comissão, que é como quem diz ao govêrno, 200 exemplares. Tal o negócio. Foi o caso aprovado pela comissão e aprovado pelo conselho de ministros Afonso Costa. Estava a coisa neste pé, isto é, fechado o contrato entre o escritor Albino Forjaz de Sampaio e o govêrno português, quando a revolução surge. Todos os negócios de publicidade foram novamente a conselho e o conselho aprovou novamente o que já aprovado estava. E' que o conselho reconheceu que o negócio nada tinha de imoral.

O govêrno dava-me 3:000 francos, 858$00 escudos ao câmbio. Eu dava-lhe além da publicidade, da propaganda, do meu nome e do meu trabalho

200 exemplares, que a 60 centavos cada, valem 120 escudos. Dir-se há que os exemplares não são dinheiro? Pois são, porque o editor os paga ao depósito de papel, à tipografia e impressão, ao brochador e ao moço e eu lhos pago a êle, porque o govêrno mos pagou a mim.

Ouro é o que ouro vale ou *les affaires son les affaires.* Ficou já a verba moralmente reduzida a setecentos e tal mil réis, um fortunão.

. . . .

Em segundo lugar os tais 3:000 francos foram *para tudo,* sem encargos de maior. Para eu pagar combóios, comedorias e fretes, para publicar um livro, para escrever artigos, para dar duzentos exemplares ao govêrno, para sofrer frio e neve, para dormir incómodamente, para poder lá ter ficado com uma bala na cabeça, porque, julgo que é uma coisa que na guerra possa acontecer sem parecer extraordinário a ninguêm, nem mesmo a quem morre. Ora tudo isto por 846$00, para mim, que tenho uma casa com arte, uma livraria preciosa, comida regular e boa cama, acho que não é de locupletar-se a gente.

. . . .

Mas ainda há mais. No dia 18 de dezembro o sr. Forjaz de Sampaio comprou na casa Thos, Cook & Son um bilhete de ida e volta a Paris. Custou-lhe 109$640 réis. Ora já os malvados 700 escudos estão em 600 apenas. O sr. Forjaz demorou-se na viagem 24 dias. Numa média de 50 francos por dia, pão negro e café sem açúcar, o sr. Forjaz gastou mais 1.200 francos.

. . . .

Agora ponham cartas, guias e plantas, trabalhos publicados sôbre a guerra, e há-os bem curiosos, bem interessantes, quer como técnica, quer como arte, *Le Feu e L'Enfer*, de Barbusse, a *Ma Pièce,* de

Paul Lintiér, *Los cuatro ginetes del apocalipsis,* de Blasco Ibañes, *Les premiérs cent mille,* de Ian Hay. Tudo isto havia que se comprar. Resumo: os senhores sabem quanto eu ganhei com o escândalo da minha ida ao *front?* Os senhores sabem com quanto eu regressei a Lisboa, com quanto num envelope eu dei entrada na estação do Rocio? Pois com uma nota de 100 francos que rebatida dois dias depois no Crédit me deu 29$400 e duas moedas espanholas de 10 cêntimos e 2 francesas de 5. Conservo-as para recordação.

Agora outra coisa. Eu fui como tenente. Parece extraordinário e todavia não houve coisa mais regular. Como quereriam os tais, os outros, os aqueles, que eu fôsse? A' paisana. Ignora-se cá em Portugal que é defeso a paisanos o campo das operações. Para ir ao *front* vesti-me de tenente. E' uma coisa que sem favor a lei me concede. Já tinha vestido a casaca para ir a uma festa em casa do dr. Manuel de Arriaga; para ir numa das máquinas do rápido do Pôrto me vestira de ganga azul, e para fazer uma viagem na casa das máquinas do paquête *Pôrto* me vestira de fogueiro.

Tenho ainda um *smoking,* um *frak* e tudo isto comprado antes da famosa negociata dos três mil francos, que um famoso súcio julgava serem três contos de réis.

Embora a farda de tenente me ficasse a matar, despi-a em Bayonna. E' que eu tive sempre pouca querença para as fardas. E entre a de tenente que um decreto me emprestou e a da Academia que ganhei pelo meu trabalho, a da Academia é muito mais vistosa. Mete espadim, chapéu armado e não é ainda acessível aos *granujas* literários que dão tacadas nas gazetas.

Tem a minha ida uma outra parte, reservada até

seu tempo. Essa porêm não custou um real ao estado. Parece que ficamos entendidos, hein?»

. . . .

E aqui está o «escândalo Forjaz»!

Nesta dolorosa e triste época moral que atravessamos a palavra *honra* passou por tais e tantas transformações que estes ataques são já o pão nosso quotidiano sem que ninguêm tente explicá-los, buscar-lhes a origem e aplicar-lhe o indispensável cautério.

Dividida a sociedade portuguesa em partidos que são quadrilhas, melhor ou peor organizadas, a dignidade do adversário é coisa de pouca monta nas gazetas da coscuvilhice indígena; e assim, fácil nos é assistir às mais tremendas acusações, morais ou políticas, sem base nem documentação, e que, por via de regra, ou caem no olvido, ou redundam em equívocos que hão-de ser, mais tarde ao fazer-se a história dêste período desvairado e patológico, terríveis escolhos e emmaranhados meandros que os escritores dessa época com dificuldade vencerão.

As palavras perderam já o seu significado justo, lógico e ponderado, para se transformarem em perfeitas vacuidades, que nada distinguem, nem marcam, nem classificam.

Os palavrões *pulha*, *canalha*, *ladrão*, já não chegam, e inventam-se termos pejorativos os mais disparatados e decadentes como demonstração da virilidade de uma raça: — *formigas*, *lacraus*, *trauliteiros*, *adelaides* e muitos outros, que são o pratinho obrigado das invectivas políticas. Os homens perderam aquela serenidade das límpidas consciências e agridem-se lançando uns aos outros punhados de lama e lôdo, de onde em onde laivado a sangue em injustificáveis tragédias fraticidas. Tudo se desmorona, tudo se desconjunta, tudo vai numa impetuosa loucura de furacão para o abismo negro e apavorante da anarquia do sentimento, igual, senão peor, à anarquia das ideas.

Como travar a marcha desenfreada desta cavalgada para o caos inevitável e certo?

Não sei — não vejo como.

A questão entre nós já não é de princípios. Não há maioria monárquica nem maioria republicana. De um lado colocaram-se apenas os indiferentes, os nulos, os apáticos. Do outro a turbulência de um novo estado de coisas, de uma nova transformação das sociedades cuja volta ou é tão grande que cai na posição anterior, ou tão violenta que só há-de deixar no campo ensangüentado da luta, destroços fumegantes, que hão-de ser — ai! dos que o não

quiserem ver agora! — os básicos alicerces de uma sociedade nova, argamassada em sangue.

Até hoje, os de cima teem procedido nos desvairamentos do egoísmo, como se a Bêsta Humana fôsse insensível ao chicote injusto e bárbaro. Tempo virá em que, os debaixo, no lógico desfôrço de vexames inúteis, quando não hediondos, realizarão a sua assemblea geral, pela Fôrça contra a Fôrça, pela violência contra a violência, pela indisciplina dos párias contra a indisciplina dos Pangloss.

E depois...

E depois será o que Deus quiser e os homens maus veem de há séculos preparando.

E mais uma vez então serão proféticas as brônzeas palavras do Solitário de Vale de Lobos, que muito se isolou dos homens para evitar o contacto das feras:

> *«Naquele país, seja qual fôr o seu grau de civilização e poderio, onde falece o amor da pátria, onde os vícios mais hediondos vivem à luz do Sol, onde a tôdas as ambições é lícito pretender e esperar tudo, onde a lei, atirada para o charco das ruas pelo pé desdenhoso dos grandes vai lá servir de joguete às multidões desenfreadas, onde a liberdade do homem, a magestade dos príncipes e as virtudes da família se converteram em três grandes mentiras, há ali uma nação que vai morrer».*
>
> (Alexandre Herculano — *História de Portugal* — Tomo II, livro II, págs. 201-202 da ediç. de 1916).

Falou assim o grande mestre da História Portuguesa. Oiçam-no todos se ainda é tempo, — que êste «caso Forjaz» junto a muitos outros de igual jaez que nem vale a pena citar, está já sob a alçada destas palavras proféticas, que valem bem a transcrição para que se meditem como havemos mister...

Que a tempestade vem cêrca, e a trovoada começa a ouvir-se já... ao longe e ao perto.

Tibério, filósofo e moralista



Albino Forjaz de Sampaio
Caricatura
de H. COLLOMB

Tibério, filósofo e moralista. Abra-se o livro. O prólogo, sete páginas apenas, é cheio de *verve*, de graça, de filosofia, de lógica e de bom humor. É uma porta que se abre de par em par para que o leitor entre no templo de Tibério, sorridente, bem disposto. Mas quem é Tibério? Tirante um ou outro exagêro de caricatura, Tibério é Forjaz de Sampaio: «é uma criatura normal, equilibrada, perfeita. As suas ideas são as de tôda a gente com a diferença apenas de que Tibério diz em voz alta o que tôda a gente esconde de dizer». (Pág. 11).

Pelo menos no *Prólogo* assim é. Vejamos no resto. Há, ou não, nas páginas do *Tibério, filósofo e moralista*, lógica, bom senso, precepção e verdade? Se há! Há até páginas que tanto podiam estar ali, como num tratado de meditações para um rigoroso exame de ascetas, ou num livro de solilóquios para satisfação de consciências atribuladas. É abrir esta crónica, por exemplo, a páginas 21 e ler:

> «Nós os pessimistas devemos tomar a vida má, como ela é. Quando ela se nos apresenta risonha é por que quere converter em ironia o nosso modo de ver. E é que a maioria dos homens não vê, não sabe ver que a Morte, a liquidatária fatal, está espiante a cada passo. No rebite da chapa de um paquête, no parafuso de um *rail* de combóio, na curva de um caminho, na neve que cai, num revólver que se dispara, num cavalo que se desboca, num elevador que se despenha, num motor que pára, num freio que não funciona, num tubo que se quebra, numa lâmina que espera, num prato que nos apetece. E anda, sonha, vive, goza, como se tivesse que viver mil anos ou não morrer nunca.»

Ora digam-me se não há tôda a verdade e tôda a exactidão nisto, e se estes períodos não podiam fazer parte de um capítulo de Kempis na *Imitação de Cristo?* Simplesmente Forjaz de Sampaio, anti--espiritualista não dá a tôda esta série de casualida-



Albino Forjaz de Sampaio

(Caricatura de *F. Valença*

1919

des da matéria, uma finalidade lógica no destino superior das almas. Se o fizesse, o seu pensamento completar-se-ia e a sua obra seria perfeita. Assim a matéria na sua apreciação exclusiva dá a aridez da acção desenvolvida e mata quási por completo os altos vôos do Pensamento do crítico e do filósofo que fica a determinada altura da viagem para aterrar imediatamente nos domínios inúteis da *blague*.

A crónica *O elogio* é esplêndida de flagrantíssima verdade. *Amor, dinheiro, casamento*, é a íntima meditação das asperezas da vida e da inutilidade da idea nos ergástulos da fome. É verdadeira, com a vantagem de ser humana...

E segue-se *O elogio da carta anónima*, com o qual de maneira alguma concordamos mas que apesar disso contêm verdades e análises flagrantes à vida e aos sentimentos do nosso tempo. Se bem que a carta anónima «é de algum modo a voz que teme ou que odeia» como assevera Forjaz de Sampaio, o que tem lógica, ela porêm não é nunca «a voz amiga que previne». Carta anónima é sempre o máximo expoente de uma grande baixeza ou de uma suprema pulhice.

A mão que não assina uma carta que escreve é, completamente, a mão canalha que assassina pelas costas. De maneira que a carta anónima nem é

curiosa, nem *eficaz*, e muito menos se pode escrever que *vale uma epopea* (sic)! e que o fazedor de tais protérvias pertence a *uma santa instituição*. Albino Forjaz de Sampaio, nesta crónica voltou um pouco aos seus tempos e às suas afirmações das *Palavras Cínicas*, e exactamente por isso, esta crónica é uma das mais frouxas e das mais infelizes do autor.

No pequeno estudo *Agiotas* há fina observação, argúcia, bem raciocinada lógica, e uma agradável pontinha de *blaguista schopenhaueresco* de que Albino gosta muito nos seus paradoxos diabólicos. Mas no fundo a Verdade impõe-se, torna-se maior, flutua, como o azeite ao de cima de água...

O elogio das feias é meia dúzia de páginas belíssimas, de uma encantada filosofia de justiça, argamassada no profundo conhecimento da alma das mulheres.

Na crónica *Do roubo* há, em contraste, a doentia preocupação de dizer coisas irritantes, inaceitáveis, atrevidos pensamentos para cocegar o burguês; isto mesmo se avoluma e cresce desproporcionadamente na crónica seguinte *Donde vem o mal* de que só se aproveita o vocabulário apropriado e certo a servir o tresloucamento da idea.

Outra esplêndida crónica *A côr das horas* a que eu riscaria apenas a excrescência dos últimos perío-

dos de páginas 91 que servem para quebrar a elevação filosófica das páginas antecedentes, admiráveis, formosíssimas e que só poderiam ser escritas por um requintado espírito de *élite.*

Uma outra crónica que valia bem a pena fazer desaparecer do livro, intitula-se *A mentira.* É falsa, banal, sem elevação, sem filosofia, sem chispa alguma de talento. O mesmo se dá com *A mulher do próximo* que não sendo banal é má, que tendo vivacidade e análise é perversa. Forjaz tomou a parte pelo todo e generalizou. Não sei se notaram já que o autor do *Tibério, filósofo e moralista,* sempre que pode é desagradável para com as mulheres a quem nega qualidades e em quem só encontra exagerados defeitos. Esta nota predomina em todos os seus livros, torna-se uma *scie,* mania por vezes irritante, quási sempre injusta, muitas vezes demasiadamente agressiva, e na generalidade insultuosa para a bondade, para o coração e para a lealdade das mulheres. Eu sei que o autor faz isto por *blague,* mas é que de tanto martelar esta nota a gente pergunta que mal lhe fariam as pobrezinhas? Depois, as mulheres, em geral não se defendem e mau seria que a escola das *Palavras Cínicas* tivesse adeptos e a filosofia de *A mulher do próximo* fôsse seguida. O lar já tão machadado por filosofias avançadas,

deterioradas e anárquicas, transformar-se-ia num caos de ignóbil perversidade.

Segue-se mais uma crónica boa, perfeita, homogénea *A geografia*, obrigando a meditar no *nada* das grandezas da terra que os caprichos do azar, da fortuna, ou das armas, transforma e modifica; e vem logo a crónica *Barbaridades* onde Forjaz de Sampaio defende as touradas à espanhola contra as touradas à portuguesa. E não há ninguêm que ao ler a argumentação sensata de Forjaz de Sampaio não esteja de acôrdo com êle, o que não quere dizer que defenda a estúpida selvageria dos touros. O que êle diz, e eu concordo, é que entre a brutalidade das hastes limpas à espanhola, e a velhacaria dos embolamentos à portuguesa, é por aquela. E com justas razões. Eu tambêm, embora repute ambos os espectáculos de uma vergonhosa e deprimente estupidez para a humanidade que se gabarola de civilizada e que no fundo, assistindo e gostando de tais perversidades, fica vinte furos abaixo da *humanidade* dos brutos.

A crónica *Os Amigos* é a continuação de *O elogio da carta anónima* e ficam-lhe bem os mesmos comentários acima apresentados, ademais de ter novas afirmações descabidas e inexactas.

Vem depois a *Movimento associativo* que não

presta; e segue-se-lhe a crónica *Da hipocrisia* de que se aproveita apenas o comentário final.

A Mulher que passa é uma crónica deletéria. *Todos somos filósofos* é um simples escôrço de taboletas filosóficas sem mais vantagens do que as da enumeração.

Mas surge-nos logo *A Felicidade* e a pena de Forjaz de Sampaio, rasga, corta, profunda, analisa, e os seus conceitos e as suas conclusões são claras, humanas, completas. Seis páginas que valem um tratado de filosofia social.

A Loucura é outra esplêndida crónica. O assunto já de si nada banal, torna-o Forjaz de Sampaio mais interessante ainda. Esta crónica é uma das mais preciosas do volume sendo igualmente uma das mais eruditas e ao mesmo tempo das mais completas na concatenação dos argumentos. Perfeita. Prosa elegante, absolutamente ligeira, sem deixar de ser máscula. E tem arrojos de pensamento que são verdades incontestáveis. Vejam isto:

> «Às vezes a loucura passa, sopra, vem de longe, galga fronteiras, atravessa os mares. Chama-se Moda e obriga as criaturas a ser ridículas. Chama-se gongorismo, nefelibatismo, simbolismo e obriga-nos a ser parvos. Dá na pintura e toma os nomes de impressionismo, futurismo ou qualquer outro pretencioso e vão.»

Óptimo, não é verdade?

E o livro fecha com chave de oiro. *A Paciência* é uma crónica não inferior à antecedente. Tem graça, tem espírito, tem verdade.

Lê-se de riso nos lábios e a dizer que sim com a cabeça. E' uma crónica que dispõe bem, que tonifica, que nos enche de confôrto e de esperança. E' tónico e refrigério. Alegra e consola. Há ali experiência e perspicácia. A vida é aquilo. A arma dos que triunfam sempre, está ali.

Em resumo: *Tibério, filósofo e moralista*, cuidadosamente revisto, cortado, emendado, nos pequeninos senões da lufa-lufa da produção, fica um livro excelente, cheio de graça, de humor e de verdade — que êle tal como está já é um grande livro, um belo livro.

* 6

Envelheceu mais, sordida, esqueletica, miseravel. Odeiou, odeia sinistramente. Pede a toda a gente o seu filho enternecida, chora e soluça. Dentro d'aquella cabeça ha o inferno. E como ninguem lhe pode dar o vadio que uma bala feriu, praguejá, blasfema, insulta. Tem olhares fuzilantes, gestos de harpia.

E quando nas noites de inverno a chuva cai, o vento sacode as arvores, as luzes e os predios, e a tempestade gargalha e luta a velha vem pedir, uivando, aos elementos em furia o seu filho. Ao vento, á chuva, á rajada, seus velhos companheiros que lhe restituam o filho amado. Enrouquece, e a sua voz rouca tem qualquer coisa de sinistro. Depois, como os elementos permanecam insensiveis, ela, desolada, tiritando, cala-se, e sente-se uivar na negridão da Morte o seu coração que, como um animal feroz, revolve e estaçalha a saudade do filho que lhe roubaram.....

Albino Forjaz de Sampaio

Os Bárbaros — António Nobre

António Nobre, é o primeiro volume de uma série que sob a designação geral de *Os Bárbaros*, Forjaz de Sampaio se propõe escrever.

São 105 páginas, apenas, de crítica impiedosa ao autor do *Só*, que sai dos ásperos comentários dêste livro, reduzido à justa e lógica proporção do seu valor.

Biogràficamente, bibliogràficamente e iconogràficamente *António Nobre* é um livro completo. Dá gôsto ver trabalhar assim. Sôbre o ponto de vista porêm dos fundamentos literários que levaram Forjaz de Sampaio a escrevê-lo, não reputo o doentio poeta das *Despedidas* como elemento que valha o desperdício de tanta energia e de tanto trabalho malbaratado.

Que é na literatura nacional o autor do *Só?* Um poeta que a aura do sentimento bafejou, mas cuja obra nem criou escola, nem sequer vincou o seu meio e a sua época.

Pernicioso seria António Nobre se a geração que se lhe seguiu o imitasse. Mas assim, isolado na sua tôrre de Anto com os seus pessimismos, as suas neurastenias e o seu delírio de grandezas, António

Nobre é já hoje uma pálida sombra de Torturado que uma ou outra menina clorótica, sentidamente recita, e que nós todos admiramos apenas pela soma enorme da sua doentia emotividade que é todo o seu apregoado talento.

E nada mais.

Isto porêm não tira absolutamente nada ao valor real da obra encetada por Forjaz de Sampaio que eu desejaria ver mais profícuamente empregada em vultos de maior tomo.

Há a páginas 79 uma ligeira referência à pessoa que ao autor forneceu indicações sôbre o plágio do soneto *Menino e Moço.* Fui eu. E porque no primeiro volume dêstes estudos, *Homens do meu tempo e das minhas relações,* a entrar no prelo, documentadamente cito o facto, o que já aliás estava feito antes de falar com Albino F. de Sampaio, de mais referências me abstenho agora.

Páginas dispersas

Crónicas e prólogos...

Há agora que contar ainda na obra de Forjaz de Sampaio, a obra avulsa — artigos de jornais, não coleccionados ainda, poesias dispersas e prólogos em obras várias de autores portugueses e estrangeiros.

Dêstes destacam-se os prólogos da *Musa Loira*, de Beldemónio; das *Dores do Mundo*, de Schopenhauer; e de *O Livro dos Cortesãs*, colectânea poética, feita com Bento Mântua.

Na *Musa Loira* há o sentimento; nas *Dores do Mundo* a análise filosófica, a crítica perspicaz, o estudo scientífico e doutrinário do assunto; no *Livro das Cortesãs*, a erudição feracíssima, vastos conhecimentos da matéria, tôda uma biblioteca de observações e de história.

Já agora um debique. A páginas 6 do prólogo das *Dores do Mundo* vem a frase latina *nil novi sub*

sole. É asneira. Vem no *Ecclesiastes* e escreve-se assim:

Nihil sub sole novum.

Como vêem é destas asneiras que até nos Mestres se apontam. Camilo dá-nos de presente num dos seus livros um escultor chamado *Milos* (!); e Vítor Hugo, nos *Miseráveis*, dá como divisa a um personagem vagabundo o *Errare humanum est!*

Não podia ter Forjaz de Sampaio portanto melhor e mais honrosa companhia...

*

E fechemos esta análise. Albino Forjaz de Sampaio é dos nossos escritores contemporâneos o mais fecundo, o mais arrojado e quem aí maneja com mais talento a prosa viva e faiscante de cronista moderno. E temos dito, mas repete-se: É medíocre como poeta, desorientado como filósofo, erudito como escritor de recursos, e jornalista como convêm às exigências do jornalismo moderno.

Quando quiser fazer obra de fôlego e deixar o caminho fragmentado que tem trilhado até hoje será o primeiro dos escritores do nosso tempo, na crítica psicopatológica dos caracteres, na descrição dos cos-

tumes da sociedade, na filosofia dos modernos conhecimentos e sobretudo nos arrojos comparados das observações históricas.

Que Albino Forjaz de Sampaio, tem para isso talento, erudição, nervos e aquela divina chispa da palavra que encanta e que deleita, que comove e que instrui e que faz de um livro o nosso maior amigo e o nosso mais fiel e mais querido companheiro!...

Forjaz de Sampaio...

na Imortalidade



Albino Forjaz de Sampaio
ACADÉMICO

Caricatura
de H. Collomb

Ilust. Portuguesa (1918)

Forjaz de Sampaio é académico desde maio de 1917. E assim como houve quem se atirasse a êle por assinar artigos com o seu nome, e por ir a França como tenente, assim apareceu também um escarcéu de impropérios à sua entrada nos imortais. Foi o desabar do mundo! Na *Ordem* (1) escreveu-se uma estirada coluna de prosa para o comparar... ao marechal de Saxe, herói em Fontenay e analfabeto em letras! *O Combate* (2), transcrevendo uma

---

(1) 20 de maio de 1917.
(2) 3 de junho de 1917.

avinagrada prosa contra êle, comentava-a tão desabridamente que a censura de então lhe cortou o comentário deixando-lhe um largo espaço em branco! *A República* (1) frisava o facto de não terem sido académicos Eça e Fialho e de o não ser ainda Junqueiro. Tambêm citava Camilo. Asneira. Camilo foi académico. Mas adiante... *As Novidades* (2) citando o mesmo facto aludia lacrimosamente à juventude do novo académico e lastimava-se dos caprichos do *destino complacente* (sic) que tanto protegia o endiabrado autor das *Palavras Cínicas*. *A Capital* (3), *A Luza*, de Viana do Castelo (4), *O Século* nas suas edições da noite (5) e da manhã (6), *O País*, do Rio de Janeiro (7), e a *Ilustração Portuguesa* (8) foram unânimes em louvar o gesto da Academia e a eleição do novo imortal. Se outras gazetas disseram algo não o sei. Destas apenas tomei nota.

Agora falemos nós. A entrada de Forjaz de

(1) 15 de maio de 1917.
(2) 14 de maio.
(3) 12 de maio.
(4) 1 de junho.
(5) 15 de maio.
(6) 24 de maio.
(7) 2 de julho.
(8) N.º 587, de 21 de maio.

Sampaio na antiga Real Academia das Sciências nem desonrou os manes da Academia, nem as letras pátrias. Uns e outros ficaram bem com a entrada do autor da *Gente da Rua* no velho casarão a Jesus. O facto de lá não terem entrado Eça, Fialho, e Junqueiro, só quere dizer que a Academia se arrependeu de velhos pecados elegendo seu par o jóven escritor da *Avalanche*. Pois quem queriam os senhores que ela elegesse?

Dir-me hão: está vivo ainda o poeta sublime dos *Simples*... E depois? O facto de existir fora da Academia o nome de Junqueiro pode inibir de para lá entrar um outro escritor que a essa Academia se impôs pelo seu talento e pela sua audácia? Não. Quere apenas dizer que ninguêm até hoje propôs Junqueiro para uma vaga de Imortal e que o poeta admirável da *Musa em férias* desprezou êsse acintoso esquecimento não se propondo a si próprio.

Ora Forjaz de Sampaio fêz tôda a sua carreira literária a murro. Para entrar nas galés da pena usou um nome e contestaram-lhe o direito a êsse nome. Para fazer os seus livros teve que galgar por sôbre montanhas de impropérios. Lógico era que para entrar na Academia, que é a mais alta distinção que teem as letras, tôda essa gente esbravejasse.

O que há de extraordinário nisto? Claro, eu sei, daqui a duzentos anos, o académico Forjaz de Sampaio terá isso na sua vida de letras como um simples episódio que nada representa; e mesmo hoje quantos dos que lhe acicataram a entrada, nos jornais e nos cafés, lhe foram depois dar amigávelmente a palmadinha dos parabens, a felicitá-lo... pela merecida honra.

Se o mundo é assim.

E depois... Depois para que não dizê-lo? Os que se insurgiram nas gazetas e nos cafés contra a *Imortalidade* de Forjaz de Sampaio, fizeram-no ou por inveja ou por política — que o caso passava a ser justíssimo, se em vez de o terem nomeado a êle Albino, os tivessem *imortalizado* a êles críticos do Albino. Então já não havia Eça, nem Fialho, nem Camilo, (apesar de Camilo ter sido académico!) nem Junqueiro, e a Academia tinha praticado o mais belo gesto de tôda a sua vida. Assim, foi o diabo. As rãs saíram para fora de água, e à beira dos pântanos coaxaram, coaxaram, até vir a noite negra do desprêzo e recolherem de novo para os limos...

*

* *

O caso Forjaz académico é toda a vida nacional.

Tudo quanto se faz neste jardim da Europa tem seis milhões de jardineiros a criticarem, a dizerem mal.

Isto, na política, na sciência, nas artes, em tudo emfim quanto seja trabalhar, pensar, produzir.

Rasga-se uma estrada. Há logo quem repare não ter sido o traçado feito, mais por aqui ou por ali. Constrói-se uma casa. O estilo não é mau, a casa é boa; mas se fôsse assim e assado, cosido e frito, a coisa era melhor. Inventa-se um aparelho. Ah! se fôsse lá fora o que não seria aquilo! Faz-se um livro. Que sim, e tal, e coisas, mas se o autor não fôsse burro teria encaminhado a acção desta e daquela maneira. Etc., etc., etc.!...

E quem diz isto? Todos os que percebem tanto de estradas como eu de lagares de azeite; todos os que jamais seriam capazes de mandar construir uma capoeira; todos os que nunca inventaram coisa alguma; todos os que, analfabetos de origem, refinaram no estado primitivo; todos emfim os que vivem para aí inúteis, intrigando, mexericando, mordendo

reputações, mascando invejas, impotentes para o trabalho, infecundos e paralíticos, vesgos da alma e tortos do corpo, cuspindo ameaças, bolsando impropérios, entravando, numa palavra, a energia e a acção dos outros.

Ora foi por cima de todos êles que Albino Forjaz de Sampaio passou. Neste país para se trabalhar, para produzir e para vencer é preciso olhar em frente e marchar sem desânimos.

Foi o que êle fêz e venceu.

Muitos que para lá quereriam entrar, alguns até — quem sabe? — com muitas medalhas, e muito talento... dos outros, ficaram de fora, a morderem-se de inveja, alcandorados no himalaia das suas vaidades. Tenham paciência. Vão-se contentando com as medalhas que inventam e com o *fauteuil* académico do matemático Cabreira.

E já me não parece pouco...

FINIS — LAUS DEO.

ÍNDICE